

CESBLU – Centro de Educação Superior de Blumenau
ALUBRAT – Associação Luso Brasileira de Transpessoal

NYE RIBEIRO SILVA

**HISTÓRIAS:
BÁLSAMO PARA A ALMA**

Campinas/SP.
2009

CESBLU – Centro de Educação Superior de Blumenau
ALUBRAT – Associação Luso Brasileira de Transpessoal

NYE RIBEIRO SILVA

**HISTÓRIAS E CONTOS
NUMA VISÃO TRANSPESSOAL**

Monografia apresentada no Curso de Pós-Graduação em Psicologia Transpessoal *Lato Sensu* do CESBLU – Centro Educacional de Blumenau & ALUBRAT – Associação Brasileira de Transpessoal como requisito para obtenção do título de Especialista em Psicologia Transpessoal.

Campinas/SP.
2009

DEDICATÓRIA

Ofereço este trabalho ao meu companheiro, Carlos Cezar

Às minhas filhas: Raquel, Beatriz e Carolina

À Vera Saldanha

À Arlete da Silva

E a toda equipe da Alubrat.

AGRADECIMENTO

Agradeço à Energia Cósmica

À força criativa do Universo

À grande Mãe VIDA

Que tudo Cria

Ampara

Cuida

Renova

Transforma!

*As histórias são jardins secretos
onde podemos brincar e sonhar
transformando estrelas em brilhantes,
pedras em brinquedos,
bruxas em fadas.
Reúnem a razão e a emoção,
o lúdico e a fantasia,
e nos fornecem pistas importantes
para o encontro com o SER ESSENCIAL,
o nosso grande potencial criativo.*

Nye Ribeiro

RESUMO

SILVA, Nye Ribeiro. História: bálsamo para a alma. Campinas.SP. CESBLU – Centro de Estudo Superior de Blumenau & ALUBRAT – Associação Luso Brasileira de Transpessoal, 2009.

A presente monografia versa sobre a importância da Literatura Infanto-Juvenil – Contos de Fada, Mitos e Contos Contemporâneos na formação e desenvolvimento de um indivíduo saudável. Ao concluir a Pós-Graduação em Psicologia Transpessoal – *Latu Sensu* CESBLU - Centro de Educação Superior de Blumenau & ALUBRAT - Associação Luso Brasileira de Transpessoal, coordenada pela Dra. Vera Saldanha, retomei com dedicação o conteúdo teórico abordado no curso, além de parte da bibliografia sugerida. Nesse momento, buscava uma forma de unir todo o constructo teórico obtido no curso, através das aulas, do estudo e de vivências individuais e em grupo com a minha atuação profissional, para definir o tema do meu TCC. Além do desejo de contribuir com a Psicologia Transpessoal de forma acadêmica, meu objetivo era compartilhar esse conhecimento em minhas histórias, encontros com os meus pequenos leitores, palestras e cursos para educadores. Percebi que essa retomada teórica após o curso me permitiu aprofundar os aspectos teóricos, integrando-os ainda mais à prática, e pude constatar que o curso nos fornece elementos preciosos para o autoconhecimento, o resgate e a emergência de valores do Ser, contribuindo significativamente para o processo de um desenvolvimento integral, ou seja: físico, mental emocional e intuitivo. A presente monografia versa sobre a importância da Literatura Infanto-Juvenil – Contos de Fada, Mitos e Contos Contemporâneos na formação e desenvolvimento de crianças, jovens e adultos. O trabalho que aqui apresento reúne minha experiência como leitora, escritora, educadora e editora, agora numa visão Transpessoal, na percepção da UNIDADE do SER.

Palavras-chave: Psicologia Transpessoal, Histórias e Contos, Educação, Intuição, Transdisciplinaridade, Linguagem Simbólica, Valores Humanos.

SUMÁRIO

1. Folha de rosto
2. Dedicatória
3. Agradecimento
4. Resumo
5. Introdução

Capítulo I - **A arte de ler e contar histórias**

- 1.1 Os primeiros contadores de história
- 1.2 Por que e para que contar histórias.

Capítulo II - **A história no contexto educacional**

- 2.1. Histórias para nutrir o imaginário
- 2.2 Educação e Interdisciplinaridade
- 2.3. Educação e Transdisciplinaridade
- 2.4. Valores humanos e Temas Transversais
- 2.5. Educação para uma Formação Ética

Capítulo III **A história no âmbito terapêutico**

- 3.1. A linguagem simbólica
- 3.2. Mitos e Arquétipos
- 3.3. Contos de Fada
- 3.4. Contos contemporâneos

Capítulo IV.- **Contribuição da Psicologia Transpessoal**

- 4.1 Conceito teórico
- 4.2. Abordagem integrativa transpessoal
- 4.3. Sistematização: aspectos estruturais e dinâmicos
- 4.5. A Didática Transpessoal e a Arte de Contar Histórias

V. **Conclusão**

VI **Anexos:**

- 6.1 Credo do Contador de histórias

6.2 Sugestões aos Contadores de História

6.3 Carta da Transdisciplinaridade

6.4. Entrevista com Paulo Freire

6.5 Entrevista com Leonardo Boff

VII. Referências Bibliográficas

Todos vivemos o modo de ser dos poetas.

Somos poetas.

*É a águia e o simbólico que estão em nós
que nos transportam para o mundo do enlevo e do encantamento.*

Leonardo Boff, "A águia e a Galinha" (1997)

INTRODUÇÃO

Desde os primeiros anos da infância, no seu desabrochar para a vida, a criança está ávida por descobrir o mundo, conhecer a realidade que a cerca, reconhecer e nominar as pessoas e objetos que encontra em seu caminho.

Ainda que receba toda atenção e cuidado necessário para o seu desenvolvimento, é importante que ela tenha contato com o universo simbólico, lúdico, imaginário, como forma de nutrição para o seu mundo interno.

Para isso, devemos propiciar o acesso das crianças aos livros infantis: contos de fada, poesias, mitos, fábulas, contos folclóricos, contos contemporâneos, permitindo-lhes penetrar no universo mágico da fantasia e dos sonhos.

O ato de ler e contar histórias é também um instrumento importante, que pode ser utilizado não apenas com as crianças, mas também com jovens e adultos, no âmbito educacional e terapêutico.

Contos, histórias, poesias oferecem-nos elementos simbólicos, por meio dos quais identificamos nossos sentimentos, emoções, inquietações, dúvidas, relacionando-os com nossas experiências de vida. É como se, por encanto, algo há muito tempo adormecido despertasse dentro de nós.

A história, antiga ou contemporânea, traz consigo “a jornada do herói” e, dessa forma, pode nos mostrar novos caminhos e soluções, ajudando-nos a reconhecer, expressar e elaborar nossos dilemas e conflitos internos, na busca do amadurecimento emocional.

De acordo com as novas diretrizes da educação no Brasil, publicada pela Unesco: *educar é desenvolver no ser humano quatro competências básicas: aprender a Ser, aprender a Conviver, aprender a Fazer e aprender a*

Conhecer. Mas para se alcançar esse objetivo torna-se necessária e urgente a educação do educador em todos os aspectos. Como ajudar o educando a descobrir sua identidade se ele, educador, não descobriu a sua? Como ajudá-lo a ser mais criativo, espontâneo, se o professor se sente limitado, rígido, inseguro?

A educação orientada pelos princípios da Psicologia Transpessoal, a qual abordarei nesta monografia, visa estimular o desenvolvimento do ser humano como um todo, contribuindo para um desenvolvimento integral, saudável, harmonioso, favorecendo a emergência de valores éticos.

O presente trabalho tem como objetivo geral estabelecer relações entre a Psicologia Transpessoal e a Literatura Infantil. E como objetivos específicos:

- apresentar a arte de ler, contar e trabalhar com histórias, com crianças e adultos;
- estabelecer relações entre o universo simbólico e a história, no âmbito educacional e terapêutico, mostrando a importância deste instrumento para o desenvolvimento do ser saudável;
- ressaltar o valor dos mitos e arquétipos, como oportunidade de reconhecer e identificar o nosso potencial, compreendendo, assimilando e recuperando “experiências universais”.
- destacar, por meio do trabalho de leitura e contação de histórias para crianças e adultos, a emergência dos valores do ser.

Para atingir tais objetivos optei pelo método da pesquisa bibliográfica. Inicialmente, selecionei autores que tratam dos temas de interesse neste trabalho, com relação à Literatura (histórias infantis, poesia, contos de fada, contos contemporâneos), à Educação e à Psicologia Transpessoal. Em

seguida dei início à leitura e seleção de textos, buscando idéias e dados relevantes, que pudessem validar o meu trabalho. No desejo de transmitir e legitimar a visão Transpessoal no processo educacional contemporâneo procurei destacar a Transdisciplinaridade, que busca o saber compartilhado, fundado sobre a ética e o respeito às diferenças e considera o homem como um ser integral, valorizando todos os aspectos do seu desenvolvimento: razão, intuição, sensação, emoção, imaginação, sensibilidade, espontaneidade.

No capítulo I discorro sobre a metodologia de ler e contar histórias, a importância dos primeiros contadores de história e dos que, atualmente, exercem essa arte.

No capítulo II apresento a história no âmbito educacional, reportando-me à Interdisciplinaridade e à Transdisciplinaridade e destacando os Temas Transversais, Valores Humanos e Ética.

O capítulo III contempla a história no âmbito terapêutico, ressaltando o valor e a importância da Linguagem Simbólica, Mitos e Arquétipos, Contos de Fada e Contos Contemporâneos.

No IV capítulo discorro sobre a contribuição da Psicologia Transpessoal – conceito teórico, abordagem integrativa transpessoal, eixo experiencial e eixo evolutivo – procurando exemplificar formas de trabalhar com histórias numa didática transpessoal.

Espero com esse trabalho deixar uma contribuição genuína, especialmente aos educadores e terapeutas, destacando o valor dos contos e da linguagem simbólica e ressaltando a importância de estarmos sempre ativando o processo primário, a criança dentro de cada um de nós – conforme preconizava Maslow (1990). Lembrando que as histórias podem nos oferecer

instrumentos importantes para a formação da identidade, o autoconhecimento, o despertar da intuição, levando-nos a compreender nossos próprios sentimentos, positivos e negativos, reconhecendo-os, identificando-os, transformando-os e integrando-os às nossas experiências de vida.

A arte é importante porque ela celebra as estações da alma.

*A arte não é só um marco de compreensão
do próprio indivíduo.*

*Ela é também um mapa
para aqueles que virão depois de nós.*

Clarissa Pinkola Estes, "Mulheres que correm com lobos" (1997)

CAPÍTULO I

A ARTE DE LER E CONTAR HISTÓRIAS

1.1 Os primeiros contadores de história

Desde os primórdios da humanidade, os homens se reuniam em redor do fogo para contar e ouvir histórias.

A arte de contar histórias é uma das mais antigas manifestações do ser humano. Uma arte milenar, que resiste às profundas transformações da evolução humana.

Viajando no passado, nas sociedades tribais primitivas essa atividade já tinha grande importância. Eram os contadores de história que conservavam e transmitiam a história, o conhecimento acumulado, os mitos, os costumes, crenças e valores.

Cada tribo tinha o seu contador de história que, além de participar das celebrações culturais e religiosas em lugar de honra, tinha o poder de estabelecer vínculos, fazer curas, clarificar a identidade do povo resgatando a sua história, revelando paradoxos, construindo pontes entre o passado, o presente e o futuro.

Há séculos, os “griots” – contadores de histórias africanos – tiveram importante papel na evolução e manutenção da cultura e tradição de todo continente. Eram considerados verdadeiras bibliotecas ambulantes e, por sua reconhecida importância, eram poupados até pelos inimigos nas guerras. Lendas, feitos heróicos e lições de vida passavam de geração em geração, servindo de alimento para o espírito alegre e guerreiro do povo do continente.

Para ser um contador de histórias o aspirante deveria dedicar-se a conhecer as histórias da comunidade, dos ancestrais, da cosmologia, ter dons de oratória e ser aceito pelo Conselho dos Anciões.

Quando morria um Griot, seu corpo era colocado dentro de uma gigantesca árvore chamada Baobá, para que suas histórias e canções pudessem continuar brotando, alegrando e nutrindo todos aqueles que as consumiam.

Assim, durante séculos, a cultura popular manteve-se sem a escrita, contando apenas com a oralidade, a memória viva dos contadores de história.

A narração oral foi um também aspecto essencial das religiões nativas. Os sábios nativos preferiam ensinar por meio de histórias a apontar diretamente os defeitos de alguém.

No xamanismo, o contador de histórias era tido como “um caminheiro entre os mundos” – um mediador entre o mundo conhecido e o desconhecido, como as comunidades de anjos, dragões, fadas, deuses e deusas, heróis e demônios. Passavam livremente de um mundo para o outro, ajudando as pessoas a experimentarem outros reinos. Eram também invocadores de poderes elementais, poderes de transformação.

Enquanto trabalhavam nas rocas de fiar, as velhas tecelãs também inventavam e contavam histórias. No século XVI os Contos de Fadas eram tidos como *histórias para passar o tempo*, e eram atribuídos a essas fiandeiras. Foi daí que surgiram as velhas e temidas feiticeiras – tecelãs, profetizas, terapeutas – detentora de poderes e artes mágicas.

Mestres iluminados se utilizavam de histórias para passar suas mensagens. Buda, Lao-Tsé contavam histórias, Jesus falava por meio de parábolas.

Ao longo dos séculos, em diferentes culturas, os contadores de história eram tidos como a memória da comunidade, sustentando e nutrindo o imaginário da sociedade da época.

Enquanto muitos fenômenos da vida natural eram inexplicáveis, pois suas causas e princípios ainda não eram conhecidos, predominava o pensamento mítico ou mágico, presente ainda hoje nos mitos, lendas, sagas, rituais, fábulas e contos de fada.

1.2. Por que e para que contar histórias?

A arte, em qualquer tempo e lugar, nos permite ir muito além do conhecimento didático. A arte nos possibilita transitar pelos significados fundamentais da existência humana.

Entre outras formas de expressão artística, a literatura reflete com clareza e nitidez a época a que pertence. Cada história é um espelho do momento em que ela surgiu. Espelho do mundo, espelho da alma. Nesse sentido, o autor pode ser tornar um elo de ligação, expressando formas essenciais de existência do ser humano em diferentes tempos: suas relações, comportamentos, conhecimentos, experiências.

Recheada de metáforas, uma história abre portas e janelas, oferecendo-nos instrumentos importantes para compreendermos os nossos sentimentos, descobrirmos nossa capacidade de amar, cultivar e cuidar da vida. Segundo Clarissa Pinkola Estes:

Às vezes uma palavra, uma frase ou uma história soa tão bem, tão perfeito, que faz com que nos lembremos, pelo menos por um instante, da substância da qual somos feitos, e do lugar que é o nosso verdadeiro lar. (Mulheres que correm com Lobos, 1997).

Como um portal de passagem para o universo simbólico, uma história, pode nos levar a uma dimensão espiritual mais elevada, favorecendo o desenvolvimento da sensibilidade e o despertar da intuição.

Uma história, por si só, abre a possibilidade de contato com o nosso jardim secreto, o imaginário, um mundo sem tempo e sem limites. Um universo povoado por seres fantásticos, criaturas com poderes mágicos, bruxas e fadas, heróis e vilões.

Uma história oferece também a oportunidade de cada um reconhecer e viver a sua própria história, de forma pessoal, única. Pois, além de povoar a imaginação, traz consigo: sonhos, anseios, vitórias, derrotas, ensinamentos, experiências, percepções, sentimentos, esperanças e temores.

Na educação, a via narrativa pode ser utilizada como um farol para iluminar o pensamento abstrato. Por meio da linguagem metafórica, da palavra seguida de pausas, podemos, estabelecer contato com infinitas construções de imagens que nos revelam segredos sobre nós mesmos, sobre o outro e sobre o mundo à nossa volta.

O conhecimento narrativo é equivalente ao conhecimento científico: cada um abre portas que o outro não é capaz de abrir e nos leva a percorrer caminhos diferentes. Embora essas rotas sejam muitas vezes paralelas, ou cheias de cruzamentos, ambas são necessárias a uma experiência profunda do mundo.

Ainda hoje, o verdadeiro contador de histórias vive e comunica o poder, o significado e a realidade do mito a uma profundidade que não pode ser apreciada, até que experimentada. Algumas partes da história são enfatizadas, outras são repetidas de maneira diferente para que cada ouvinte possa perceber melhor, de acordo com sua capacidade de entendimento. A cada repetição, cresce o nível de entendimento do ouvinte.

Não basta ler. Para dar vida a uma história ela deverá vir de dentro. Isto significa que é preciso viver a história interiormente. Colocar-se no lugar de cada personagem. Experimentar cada situação: do sonho à aventura, do choro ao riso, da tensão à brincadeira. Compreender os fluxos da energia,

movimentos, gestos, semblantes, respiração, pausas, dicção. Imaginar cada cena, forma e conteúdo, como num filme: palavra e imagem.

E, por fim, entender a mensagem subjacente, sutil, escondida nas entrelinhas, por trás das palavras e imagens que, especialmente na Literatura Infantil, muitas vezes são tão ricas quanto o texto.

Apreciadas pelas crianças e também pelos adultos, à medida que são lidas, ou contadas, as histórias criam imagens na mente do ouvinte que, por sua vez, estabelece inúmeras relações. Algumas enternecem, outras amedrontam, relaxam, emocionam, alegram, entristecem, ensinam e curam.

Quando uma criança pede para que contemos a mesma história, repetidas vezes, isso é sinal de que ela está criando suas próprias imagens e estabelecendo relações, alicerçada em suas experiências de vida, percepções e fantasias. Por isso, histórias para leitores iniciantes, devem conter metáforas, repetições, formando um jogo lúdico de palavras e idéias.

Citando Nelly Novaes Coelho:

Desde os anos 70/80, as experiências, debates e propostas para reformas educacionais vêm-se multiplicando de maneira significativa, principalmente no âmbito da Língua e da Literatura. E com especial cunho polêmico na área da Literatura Infantil. Tal predominância pode parecer absurda aos distraídos que ainda não descobriram que a verdadeira evolução de um povo se faz ao nível da consciência de mundo que cada um vai assimilando desde a infância. Ou ainda não descobriram que o caminho essencial para se chegar a esse nível é a palavra. Ou melhor, a Literatura – verdadeiro microcosmo da vida real, transfigurada em arte. (Literatura Infantil – Teoria, Análise e Didática – Moderna, 2000/ pág 15).

A história favorece a sensibilidade

A expressão de sentimentos

A construção da identidade

A criatividade, a curiosidade.

Valores devem estar nas entrelinhas

Permeando todo o texto

Sem torná-la moralista ou conclusiva.

Nye Ribeiro

CAPÍTULO II

A HISTÓRIA NO CONTEXTO EDUCACIONAL

2.1. Histórias para nutrir o imaginário

Qual a importância da história no âmbito educacional? Reunindo minha experiência como professora e, anos depois, como autora, e visitando centenas de escolas de norte a sul do Brasil com o objetivo de realizar encontros e palestras para alunos e professores, percebi um grande empenho das escolas na formação de leitores. Assisti e participei de Iniciativas como: Montagem de Bibliotecas. Realização de Semana ou Feira Literárias, Hora do Conto, Roda de Leitura, Teatro e dramatizações de histórias, Encontros com Autores, Projetos desenvolvidos a partir da motivação despertada por um livro.

Não resta dúvida que a escola é um espaço privilegiado para a leitura, e tem um papel importante na formação de um leitor.

“Um espaço ao mesmo tempo libertário (sem ser anárquico) e orientador (sem ser dogmático), para permitir ao ser em formação chegar ao seu autoconhecimento e a ter acesso ao mundo da cultura que caracteriza a sociedade a que ele pertence”. Nelly Novaes, 2000

A leitura, inserida desde cedo no cotidiano infantil, torna-se fonte de prazer e alegria. Lendo e ouvindo histórias, as crianças vão povoando e nutrindo seu mundo imaginário, com personagens encantados, bruxas e fadas, bichos e aventuras. Ao mesmo tempo, começam a construir seu repertório de leitura – uma experiência afetiva, permeada de lembranças e fantasias.

Retomando as idéias de Nelly Novaes Coelho:

A Literatura Infantil é antes de tudo Literatura; ou melhor, é Arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização... Literatura é uma linguagem específica que, como toda linguagem, expressa uma determinada experiência humana, que dificilmente poderá ser definida com exatidão. (Literatura Infantil, Moderna, 2000 – pág. 27)

Antes de dar início à leitura na sala de aula, é importante que o professor tenha feito uma escolha cuidadosa. E essa escolha não pode ter apenas um caráter utilitário – um livro que simplesmente se encaixe no tema que ele está trabalhando, ou que possa ser aproveitado em um determinado projeto.

No meu trabalho com as escolas, ao longo de quinze anos, comecei a observar de que forma o livro era introduzido na sala de aula. Nas escolas mais tradicionais, os alunos recebiam o livro com a obrigação de ler, preencher uma ficha de leitura e responder a uma variedade de questões, muitas vezes cansativas e desmotivadoras. Conseqüentemente, o livro deixava de cumprir a sua grande função: o prazer da leitura.

Nessas idas e vindas, pude perceber que a questão é muito mais profunda e passa, principalmente, pela formação dos professores, pela concepção de Educação e pelo Projeto Educacional de cada escola.

Nos encontros com os professores passamos a conversar sobre o livro e o trabalho com literatura. na escola. Inicialmente, o interesse deles era: *“como montar um projeto com este livro?”*

Nas minhas oficinas literárias, começamos a entrar na Interdisciplinaridade (que já fazia parte do contexto de algumas escolas), montando projetos interdisciplinares a partir da história, envolvendo diferentes formas de leitura (silenciosa, coletiva, etc), reflexões, debates, música, teatro, atividades físicas, jogos, brincadeiras, etc.

Dessa forma, o trabalho tem sido muito mais motivador para os educadores e, conseqüentemente, para os alunos, com os quais irão desenvolver projetos envolvendo a Literatura.

2.2 Educação e Interdisciplinaridade

“Invariavelmente estamos aprendendo, pois estamos sempre nos transformando e reproduzindo incessantemente a nós mesmos, o tempo todo, com todas as informações com que conseguimos nos relacionar no entorno em que vivemos.” Vera Lúcia Souza (2004).

O conceito de interdisciplinaridade surgiu no final do século passado, após a 2ª Guerra Mundial, pela necessidade de dar uma resposta à fragmentação causada pela divisão das ciências em inúmeras disciplinas. Seu objetivo era restabelecer um diálogo entre elas, embora não resgatasse ainda a unidade e a totalidade do saber.

Diversas correntes de pensamento se ocuparam com esta questão: a teologia fenomenológica encontrou nesse conceito uma chave para o diálogo entre igreja e mundo; o existencialismo, buscando dar às ciências uma cara mais humana; o neo-positivismo que buscava no interior do positivismo a solução para o problema da unidade das ciências; o marxismo que buscava uma via diferente para a restauração da unidade entre todo e parte.

No final desse século, o conceito ainda tinha a mesma conotação positiva do início do século, isto é: uma forma (método) de buscar, nas ciências, um conhecimento integral e totalizante do mundo frente à fragmentação do saber, e na educação, como forma cooperativa de trabalho para substituir procedimentos individualistas.

A interdisciplinaridade é uma forma de pensar, rompendo com as fronteiras das disciplinas, buscando integrar os conteúdos e garantir a construção de um conhecimento globalizante. Uma postura interdisciplinar se traduz numa atitude de busca, envolvimento, compromisso e reciprocidade diante do conhecimento.

Piaget sustentava que a interdisciplinaridade seria uma forma de se chegar à transdisciplinaridade, etapa que não ficaria apenas na interação e reciprocidade entre as ciências, mas alcançaria um estágio onde não haveria mais essas fronteiras entre as disciplinas.

A interdisciplinaridade se destacou em diversos campos, mas na educação teve um desenvolvimento particular. Nos projetos educacionais a interdisciplinaridade se baseia em alguns princípios, entre eles:

1) Noção de tempo: o aluno não tem tempo certo para aprender. Não existe data marcada para aprender. Ele aprende a toda hora e não apenas na sala de aula.

2) Crença de que é o indivíduo que aprende. Portanto, é necessário estabelecer uma relação direta e pessoal com a aquisição do saber.

3) Embora apreendido individualmente, o conhecimento é uma totalidade. O todo é formado pelas partes, mas não é apenas a soma das partes. É maior que as partes.

4) A criança, o jovem e o adulto aprendem quando o conteúdo do ensino é significativo para eles, envolvendo a razão e a emoção.

O trabalho interdisciplinar visa a integração de conteúdos; passando de uma concepção fragmentária para uma concepção unitária do conhecimento. Busca superar a dicotomia entre ensino e pesquisa, considerando o estudo e a pesquisa a partir da contribuição das diversas ciências.

A ação pedagógica através da interdisciplinaridade aponta para a construção de uma escola participativa e decisiva na formação do sujeito social. Seu objetivo tornou-se a experimentação da vivência de uma realidade

global, que se insere nas experiências cotidianas do aluno, do professor e da sociedade como um todo. Assim, um projeto interdisciplinar de educação deverá ser marcado por uma visão geral da educação, num sentido progressista e libertador.

A interdisciplinaridade deve ser entendida também como conceito correlato ao de autonomia intelectual e moral. Na teoria do conhecimento de Piaget o sujeito não é alguém que espera que o conhecimento seja transmitido a ele por um ato de benevolência. É o sujeito que aprende através de suas próprias ações sobre os objetos do mundo. É ele, enquanto sujeito autônomo, que constrói suas próprias categorias de pensamento ao mesmo tempo em que organiza seu mundo, como dizia Piaget.

De acordo com Vera Lúcia de Souza e Silva, 2004, pág 60 [...]

“O processo de aprender passa por entendermos que aprender é um processo de manifestação da criatividade do ser que constantemente se auto-organiza. Ou seja, invariavelmente estamos aprendendo, pois estamos sempre nos transformando e reproduzindo incessantemente a nós mesmos, o tempo todo, com todas as informações com que conseguimos nos relacionar no entorno em que vivemos.

A autora explica ainda que cada aprendiz organiza a sua própria experiência. O conhecimento é, portanto, produto de uma relação indissociável entre três variáveis: o sujeito, o objeto e o processo de observação. Assim, cada indivíduo tem uma maneira própria de aprender, levando em conta as características do ser humano multidimensional, histórico, cultural, social e cósmico, que o constitui.

A Multidisciplinaridade, praticada ainda em escolas mais tradicionais, evoluiu para a Interdisciplinaridade, ainda difícil de ser absorvida pelas instituições educacionais. Mas, segundo o educador Ubiratan D`Ambrozio

(2002), o verdadeiro avanço, que poderá abrir novas possibilidades para o conhecimento é a Transdisciplinaridade.

Para Ambrozio, a Transdisciplinaridade assume a inconclusão do ser humano, rejeita a arrogância do saber concluído e das certezas convencionadas e propõe a humildade da busca permanente.

Nas palavras de Paulo Freire, em entrevista realizada por Nye Ribeiro para a revista “Dois Pontos – Teoria e Prática em Educação”, volume 2, jan/fev 96, Pitágoras – BH/MG (anexo 4).

“A prática educativa não pode escapar à produção do conhecimento. É tão necessariamente gnosiológica, quanto ética e quanto estética. A prática educativa tem uma beleza nela mesma, como também uma moralidade indispensável. E é por isso que a prática educativa vai mais além dela mesma, o que vale dizer que não há prática educativa que não gire em torno de sonhos e de utopias. E é exatamente esse corpo de relações diferenciadas e contraditórias - entre a liberdade e a autoridade, entre o que já sabe o saber sabido e o que ainda não sabe o saber sabido - é isso que constitui a cumplicidade entre o educador e educando, fazendo com que os dois continuem crescendo”.

2.3 Educação e Transdisciplinaridade

“No ser humano, o desenvolvimento do conhecimento racional-empírico, técnico, jamais anulou o conhecimento simbólico, mítico, mágico ou poético”. O estudo da complexidade humana será uma das vocações da educação do século XXI, sendo necessária e urgente “a religação dos saberes.” (Morin, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro; pág 29).

O 1º. Congresso Mundial sobre a Transdisciplinaridade, com apoio da UNESCO, aconteceu em 1994, no Convento da Arrábida, em Portugal, com a participação de educadores do mundo todo, dentre eles Basarab Nicolescu, Edgar Morin, Lima de Freitas, Michel Camus, e muitos outros.

Como resultado dos importantes debates realizados ali, naquela comunidade internacional, surgiu a “Carta da Transdisciplinaridade”, transcrita na íntegra no final deste trabalho, cujo conteúdo deveria ser amplamente divulgado em todas as instituições educacionais.

Dez anos depois (2005) foi realizado o 2º. Congresso, que contou com a participação de 16 países diferentes, com educadores e pesquisadores das mais diferentes áreas do conhecimento. 60 universidades brasileiras estiveram ali representadas e mais de 187 trabalhos foram apresentados para os 370 participantes durante os cinco dias do evento.

O 3º. Congresso, realizado em setembro de 2008, em Brasília, contou com a participação de Edgar Morin, Francisco Gutierrez, Leonardo Boff, Laís Mourão, Pedro Demo e muitos outros. Ali foram discutidos alguns fundamentos transdisciplinares a partir de aspectos ontológicos, epistemológicos, e metodológicos, com o objetivo de possibilitar a construção de novas práticas educacionais que colaborem para uma ação educativa transformadora, enraizada na dinâmica nacional entre o ser humano, a sociedade e a natureza.

Para Basarab Nicolescu a transdisciplinaridade é uma nova abordagem científica, cultural, espiritual e social. Com o prefixo *trans* está ao mesmo tempo *entre, através e além* das disciplinas e seu objetivo é a compreensão do mundo por meio da unidade do conhecimento.

A transdisciplinaridade vai muito além da interdisciplinaridade e da multidisciplinaridade. Por meio do diálogo e da reconciliação, ultrapassa os limites das ciências exatas, não somente com as ciências humanas, mas também com a arte, a literatura, a poesia e a experiência interior. Cruza as fronteiras das disciplinas, estabelecendo uma ponte que nos permite estudar os fenômenos sob diferentes pontos de vista, fora e além das disciplinas, trazendo novos dados que se articulam entre si e que nos dão uma nova visão da natureza e da realidade.

A Transdisciplinaridade considera o homem um ser integral, valorizando todos os aspectos do seu ser: intuição, sensibilidade, imaginação, razão, emoção e sensação. Entre outros objetivos, busca o saber partilhado, fundado sobre a ética e o respeito às diferenças. Assim, recusa toda e qualquer atitude que rejeite o diálogo e a discussão de qualquer origem – de ordem ideológica, científica, religiosa, econômica, política, filosófica.

A Transdisciplinaridade nos ensina também a contextualizar, concretizar e globalizar os conhecimentos. Dessa forma, toca profundamente os educadores e contribui efetivamente com a educação. E como manter na escola uma atitude transdisciplinar?

Em sua obra “O manifesto da Transdisciplinaridade”, Nicollescu afirma que o conhecimento passa necessariamente pela dimensão transpessoal. Atualmente, a eficiência da abordagem transdisciplinar no processo

educacional começa a ser reconhecida por garantir um processo de aprendizagem auto-organizadora e ao mesmo tempo criativa, cujo elemento norteador é o próprio aluno.

Carta da Transdisciplinaridade (anexo 3)

2.4 Valores humanos

Em meio a tantas mudanças nas últimas décadas, crianças e jovens, em quase todos os países, estão cada vez mais confusos quanto aos valores que orientam suas ações. Pais e professores estão inseguros quanto aos limites a sustentar, e quanto às normas a considerar. Sempre é tempo de trazer à lembrança as palavras de Frederick Molfer:

Como a criança aprende

*Assim é que a criança aprende,
captando habilidades pelos dedos das mãos e dos pés
para dentro de si.*

*Absorvendo hábitos e atitudes dos que a rodeiam,
empurrando e puxando seu próprio mundo.*

*Assim é que a criança aprende,
mais por experiência do que por erro,
mais por prazer do que pelo sofrimento,
mais por sugestão do que por direção.*

*E assim a criança aprende pela afeição, pelo amor,
pela paciência, pela compreensão,
por pertencer, por fazer e por ser.*

*Dia a dia a criança passa a saber
um pouco mais do que você sabe
e um pouco mais do que você pensa e entende.*

*Aquilo que você sonha e crê é, na verdade,
o que essa criança está se tornando.*

*Se você percebe confusa ou claramente,
se pensa nebulosa ou agudamente,
se acredita tola ou sabiamente,
se sonha sonhos sem graça ou dourados,
se você mente ou diz a verdade,
é assim que a criança aprende.*

Com a globalização, diversas línguas vão se extinguindo, e as culturas mundiais vão perdendo a sua identidade original, vão se transformando e se relativizando. Por outro lado, as religiões estão perdendo grande parte da sua influência.

As famílias, escolas e outras instituições educacionais acabam refletindo os problemas do mundo globalizado: crises, desemprego, insegurança, abandono, entre outros – que alteram as relações interpessoais, levando o homem a se afastar de sua essência.

Sabemos que não existe educação sem os valores inerentes ao desenvolvimento moral. Mas, com tantas transformações em tão pouco tempo, quais seriam os valores apropriados ao mundo de hoje?

De acordo com o pensamento de Japiassú e Marcondes:

“Do ponto de vista ético, os valores são os fundamentos da moral, das normas e regras que prescrevem a conduta correta. No entanto, a própria definição de valores varia em diferentes doutrinas filosóficas. Para algumas concepções, é valor tudo aquilo que traz a felicidade do homem. Mas, trata-se igualmente de uma noção difícil de se caracterizar e sujeita a divergências quanto à sua definição. Alguns filósofos consideram também que os valores se caracterizam por relação aos fins que se pretende obter, a partir dos quais algo se define como bom ou mau. Outros defendem a idéia de que algo é um valor em si mesmo. Discute-se assim se os valores podem ser definidos intrínseca ou extrínsecamente”. (1996, pág. 268).

O desenvolvimento moral é um fenômeno complexo que sofre a influência de fatores cognitivos, afetivos e culturais.

As pesquisas sobre o desenvolvimento moral podem ser agrupadas em dois conjuntos: A orientação moral apoiada no medo de uma de uma ação vir a ser descoberta e na sua conseqüente punição – a criança aprende a obedecer por medo; a orientação moral caracterizada pela independência das sanções externas e controlada pelo respeito e amor à autoridade.

Para Piaget (1978): a disciplina imposta de fora, além de sufocar a personalidade da criança, prejudica mais do que favorece sua formação. A criança não percebe o valor real das regras, às quais obedece, e nem a possibilidade de construir novas regras.

Uma educação baseada no cuidado, no respeito mútuo, na responsabilidade de um com o outro, possibilita à criança a construção de valores internos, importantes na formação de sua personalidade moral.

Em seu livro *O julgamento moral da criança* (1977), Piaget analisa o desenvolvimento moral caracterizando dois estágios de desenvolvimento.

No primeiro, mais primitivo, baseado no conceito de autoridade e na coação do adulto, o certo e o errado, o bom e o mal estão diretamente ligados às consequências das ações. Nesse caso prevalece a obediência.

No segundo, mais avançado, prevalece a moral do respeito mútuo, da solidariedade e da justiça. À medida que a criança cresce, a submissão da sua consciência à dos adultos parece-lhe menos legítima, evoluindo da heteronomia para a autonomia moral.

Com base nessas idéias, educar é capacitar a criança para a autonomia, lembrando que o seu desenvolvimento deve acontecer por inteiro, harmoniosamente.

A grande transformação do mundo, além de depender das políticas educacionais, de sofrer a forte influência da mídia, passa também pelas mãos de quem educa. Reconhecidamente, a escola tem um papel muito importante na formação do indivíduo, pois as experiências e os conhecimentos nela vivenciados passam a desempenhar uma função importante, especialmente no

desenvolvimento social e afetivo da criança. Afetividade, compreensão, respeito e confiança são palavras-chave na conquista do saber.

Citando Vera Saldanha (2008, pág. 34):

“É importante recontextualizar o espaço do saber e oportunizar, de fato, toda uma gama de riquezas que a educação, em sentido estrito, pode propiciar, uma vez que a escola é um local fecundo do encontro de três grandes vertentes: o conhecimento, a sociedade e o indivíduo. A transformação desse conhecimento em sabedoria, que faça sentido na vida do educando e do próprio educador e contribua para uma sociedade saudável, é uma das tarefas mais importantes das instituições de ensino.”

A preocupação com a formação de cidadãos éticos, críticos e conscientes, levou educadores de diversos países a discutirem amplamente o tema em mesas redondas, congressos, seminários, etc. Foi daí que surgiram (1998) os Temas Transversais, discutidos e propostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais, elegendo alguns princípios norteadores da educação para serem trabalhados nas escolas junto aos conteúdos curriculares.

Em 1997 as Diretrizes Curriculares Nacionais estabeleceram que todas as escolas passariam a trabalhar com o eixo temático: *Convívio Social e Ética*, sobre quatro pilares: *aprender a ser, aprender a aprender, aprender a fazer e aprender a conviver*.

Assim, em vez de centrar seu trabalho em matérias curriculares fragmentadas, o professor deveria optar por uma perspectiva construtivista, integrando todas as disciplinas e considerando os temas transversais como eixo central, em torno do qual gire a temática das áreas curriculares.

Essas novas diretrizes geraram mudanças importantes, tendo como meta a formação de indivíduos que optem pela paz como forma de relacionamento humano prioritário, defendendo a igualdade de direitos, o respeito ao outro e ao ambiente em que vivem.

A medida veio também enriquecer a reflexão das pessoas de fato interessadas na busca de novos caminhos e ações que visem transformar nossa sociedade e nossas escolas.

Nesse contexto, a Literatura foi reconhecida como um instrumento importante, fornecendo elementos preciosos para o autoconhecimento, a construção da identidade e a formação de valores.

Surgiram novos programas do governo com o objetivo de selecionar, dentre as diversas editoras, histórias para serem utilizadas na sala de aula das escolas públicas. Na escolha desses livros, além de se considerar o custo, o conteúdo e a qualidade literária, deve-se levar também em consideração os valores passados pela história. De forma explícita, ou nas estrelinhas, certamente as histórias transmitem valores. E que valores serão esses?

2.5 Educação para uma formação Ética

“O ethos nasce de uma prática concreta. Se nos damos conta de que devemos cuidar de nosso Planeta para que ele possa continuar a existir, se percebermos que para sobreviver juntos devemos repartir e socializar os recursos limitados da Terra, se nos convenceremos de que, se não houver cuidado amoroso, nada disso acontece, então sentimos a urgência de mudar e mudamos de fato – Leonardo Boff
Transcrição de entrevista com Leonardo Boff, realizada por Nye Ribeiro, sobre o tema: “Ética do Humano”. Extraído da Revista “Linha Direta”, número 29, agosto 2000, Belo horizonte/MG (anexo 5).

A palavra ÉTICA tem mais de 2500 anos de tradição só no ocidente, Há muitas definições para essa palavra, mas se buscamos a sua etimologia, observamos que: do grego ETHOS, a palavra ÉTICA significa morada, habitat, o lugar que se habita.

Hoje, fala-se muito no resgate da Ética, na sociedade, na escola, nas relações entre as pessoas. A Ética, enquanto conhecimento sistematizado e organizado é uma parte da Filosofia que se dedica a pensar as relações humanas e seus fundamentos.

Um dos primeiros filósofos a pensar a Ética foi Aristóteles, que viveu na Grécia no século IV AC. Esse filósofo ensinava em uma escola chamada Liceu. Em suas aulas, ele já fazia uma análise do agir humano e ensinava que todo trabalho e todo conhecimento visa a algum bem. Que o bem é a finalidade de toda ação. E que a busca do bem é que difere a ação humana da de outros animais.

Em Filosofia trabalhamos Ética considerando dois aspectos:

Individual – constituir uma morada interior, a morada interna.

Social – constituir um comportamento, uma atitude diante do outro, da natureza, do mundo. Isto é, constituir uma cultura ética.

A partir da construção do meu eu, da minha casa, da minha morada interna, da expansão da minha consciência, dos valores que eu vou

construindo internamente, é que vou desenvolver a capacidade de organizar, de ordenar responsabilmente o meu comportamento com outro, com a natureza, com o mundo.

A Ética é considerada ciência, um ramo do conhecimento, quando investiga sobre o agir moral, a melhor forma de agir dentro da moralidade. Um comportamento ético não é regido apenas pela moral. Por isso dizemos que a Ética é a arte do bem viver.

Podemos comparar a consciência ética a um girassol:

- possui a cor dourada e seu valor se compara ao ouro
- está sempre buscando a luz
- possui múltiplas pétalas que se comparam com as virtudes
- têm capacidade de produzir muitas sementes.

E o que é educar, no sentido ético? Educar, sobretudo, é exercer a tarefa de ajudar o outro a ser: ser ele mesmo, ser com o outro. Os que exercem esse ofício, vêem-se diante de crianças e adolescentes que lançam sobre ele uma pergunta: – *Quem sou eu ?* E um pedido: – *Você pode me ajudar a descobrir quem eu sou?*

Educar para quê? Qual a finalidade da vida? Qual o maior de todos os bens que se pode alcançar como ser humano, através do conhecimento e da ação?

Aristóteles, no século IV AC foi o primeiro filósofo a ensaiar uma resposta: a felicidade! O homem, em qualquer época e lugar do mundo, busca ser feliz. A finalidade da vida é ser feliz. Assim, educar é ajudar o outro a ser feliz: consigo mesmo, com o outro, com a natureza, com o mundo onde ele vive.

O que ocorre é que, no mundo em que vivemos, nossas relações de trabalho, relações afetivas, exigem de nós diferentes formas deste saber viver.

Eu posso querer formar alguém eticamente, mas isso só é possível quando ele for agente desse processo. Eu posso colaborar, inspirar, dar exemplo, promover situações nas quais ele pode ir se formando eticamente. Mas esta é uma tarefa que cabe a ele. Como? Construindo a sua morada interior, o seu diálogo interno. Tendo consciência de seus pensamentos e ações, percebendo o valor e a importância de suas escolhas e sendo responsável por elas, exercitando, enfim, o livre arbítrio.

Para Krishnamurti (1985) educação não é mero conhecimento, e sim a prática de valores humanos na vida diária. Ele afirma que o mestre que exige respeito de seus discípulos, e quase nenhum respeito demonstra por eles, provoca-lhes o desrespeito e a indiferença e não os conduz a uma vida integrada.

Mais do que qualquer discurso, sabemos que é através da vivência que as crianças e os jovens vão tomando consciência dos seus próprios valores.

Assim, o contato da criança e do adolescente com a cultura deve ser vivenciado num ambiente em que as relações favoreçam a construção da autonomia, do respeito e da solidariedade. O educador deve ser o guia, o mestre, que interage através de uma relação significativa e transformadora.

Há uma frase de Humberto Maturana, em que o educando fala com o professor: *“Mestre, não me ensine o que você sabe. Apenas vive ao meu lado e conversa comigo. A sua sabedoria me esmaga, mas o que você for será para mim um convite.”*

Hoje, temos uma falta muito grande de modelos, de heróis. As crianças e os jovens vão adotando os heróis da mídia. Precisamos transformar essa realidade que está aí. Como? Será que temos meios para isso? Será que cabe a nós? O prof. Paulo Freire em uma de suas inesquecíveis palestras (1994) para professores, que tive a oportunidade de assistir e transcrever, disse: *Vocês, educadores, professores, trabalham com a matéria prima, com a sociedade de amanhã, cabe a vocês uma grande responsabilidade.*

Os professores indagam: *Mas, será que a responsabilidade da formação de valores passou a ser tarefa da escola? É a escola quem educa?*

Paulo Freire responde: *“A educação, em qualquer instância é a via de acesso à formação do ser humano. Assim, pais e professores devem estar sempre juntos na tarefa de educar.* (Entrevista com Paulo Freire sobre o tema – anexo 4)

Preocupado com a crise generalizada que afeta a humanidade, com o descuido com a vida e com a falta de ética do nosso planeta, Leonardo Boff nos remete aos mitos da criação – ao conhecimento ancestral da essência humana. E afirma:

“O mundo virtual criou um novo habitat para o ser humano, caracterizado pelo encapsulamento sobre si mesmo pela falta do toque, do tato e do contato humanos. Esta anti-realidade afeta a vida Humana naquilo que ela possui de mais fundamental: o cuidado e a compaixão” – Leonardo Boff (entrevista anexa - Ética do Humano).

Para um melhor entendimento: O que é moral? E o que é Ética?

Moral: um conjunto de regras, de leis que determinam o comportamento social. Cada sociedade tem suas regras, sua moral, que regula o comportamento social e quando essas regras são desrespeitadas existem sanções.

A Ética vai além da moral – é a arte de bem viver. Um comportamento ético não é regido apenas pela moral, mas por princípios norteadores, que protegem e resguardam a convivência humana.

Ser ético é ter consciência do que é bom e do que é mal, percebendo o valor e a importância de nossas escolhas. Uma consciência ética não se constrói da noite para o dia. É um trabalho para a vida toda.

Ampliar a consciência ética é ser capaz de viver melhor, assumindo fazer escolhas, livremente e construindo assim, passo a passo, a nossa “morada interior”.

Para que isso aconteça e passe a se refletir em nossas relações internas e externas, é necessário conhecer e compreender o nosso diálogo interno.

A poesia, as fábulas, os contos de fadas e contos contemporâneos podem contribuir para o desenvolvimento moral e ético favorecendo o autoconhecimento e abrindo um leque de temas para a reflexão e o debate.

(Entrevista com Leonardo Boff sobre o tema, na íntegra – anexo 5)

*...Quanto mais mágicas, mais oníricas forem as histórias, melhor.
Quanto mais diferentes modos de pensar e ver a realidade,
quanto mais variadas e extraordinárias forem as situações que elas contam,
mais se ampliará a gama de abordagens simbólicas possíveis
para todos os problemas que nos afligem .*

Corso, Diana Lichtenstein – “Fadas no Divã” (Porto Alegre, 2006)

CAPÍTULO III

A HISTÓRIA NO ÂMBITO TERAPÊUTICO

3.1 A Linguagem Simbólica

Os símbolos nos acompanham desde os primórdios da humanidade. São manifestações da realidade que se traduzem em formas que manifestam uma unidade de sentido, revelando a existência e a inteligência.

Ao mesmo tempo em que permeiam nossos pensamentos, imagens, crenças e gestos, estabelecem uma unidade, ligando os mais diversos modos de existir. E, nessa diversidade, atuam como caminhos de acesso aos mistérios e aos fundamentos de todas as civilizações.

Um símbolo pode surgir em forma de uma idéia, um sinal, um objeto, um acontecimento, que além do seu significado literal, contém significados ocultos e até mesmo inconscientes. Por seu caráter atemporal, permite diferentes leituras, por diferentes pessoas, em diferentes momentos.

A linguagem simbólica, constituída por símbolos e metáforas, nos conecta com circunstâncias e situações que dificilmente podem ser traduzidas pela mente racional.

Assim, histórias ricas de conteúdo simbólico nos revelam partes nossas que ainda não conhecíamos, aspectos ocultos que ainda não haviam sido revelado, e favorecem a ampliação da consciência, impulsionando-nos para um vir-a-ser.

Por sua importância, os símbolos são considerados instrumentos de passagem, de mediação, pontes entre nosso estado atual de consciência e os novos estados de consciência que desejamos alcançar.

Os símbolos nos dão pistas importantes e introjetam em nós sementes de percepção de algo que irá se manifestar um dia, em forma de luz ou de sombra. Podem expressar, ao mesmo tempo, as duas polaridades de uma situação, pois contêm em si os aspectos positivos e negativos complementares de uma mesma realidade.

Muitas vezes, os símbolos se apresentam como enigmas, em linguagem cifrada que, ao ser decifrada nos permite adentrar em outros níveis de realidade. Por exemplo: nas histórias, geralmente, ao decifrar um enigma o herói já está a caminho da vitória.

Ao desenharmos um círculo na areia, que idéias brotam em cada um de nós? Para alguns, o círculo lembra uma roda, uma mandala, o sol, a lua, ou, simplesmente uma figura geométrica... No entanto, esta figura nos acompanha desde a invenção da roda, pelo homem primitivo.

Rodas que eles faziam também ao redor das fogueiras, e que até hoje fazemos para contar histórias, ou em brincadeiras e rituais.

Citando Jung: “*A função transcendente do símbolo possibilita uma passagem de uma atitude para a outra.*”

Naturalmente, o círculo humano nos predispõe a uma atitude de abertura e receptividade, possibilitando ver todas as pessoas que ali estão, em condições de igualdade. Assim, favorece uma troca mais espontânea e criativa entre todos.

Retomando as idéias de Jung, Campbell faz uma profunda reflexão sobre este símbolo:

O mundo todo é um círculo. E todas as imagens circulares refletem a psique...] Tudo dentro do círculo é uma coisa só, circundada e limitada. Esse seria o aspecto espacial. Mas o aspecto temporal do círculo é que você parte, vai a algum lugar e sempre retorna. Deus é o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim. O círculo sugere

imediatamente uma totalidade completa, quer no tempo, quer no espaço – Campbell, Joseph, O poder do mito. São Paulo, 1990.

A linguagem simbólica é fortemente emotiva e afetiva. Ela nos traz de volta ao momento a presente, como forma de nos instruir e nos guiar diante dos conflitos e situações que se apresentam. Oferece sínteses imediatas, por meio de idéias ou de imagens, ajudando-nos a reconhecer nosso papel e nossa atitude diante de cada situação.

Citando Marilena Chauí:

“A linguagem simbólica fascina e seduz. Leva-nos para dentro dela, arrasta-nos para seu interior pela força de seu sentido, de suas evocações, de sua beleza, de seu apelo emotivo e afetivo.”
Uma Filosofia da Liberdade – Moderna: São Paulo, 2005.

Assim como na educação, as histórias podem também servir de instrumentos no âmbito terapêutico, favorecendo o processo de reconhecimento, identificação, desidentificação e transformação de seus próprios sentimentos.

3.2. Mitos e Arquétipos

Por que crianças no mundo todo gostam de histórias de terror, de monstros, com cenas que causam medo e repulsa? Nos mitos e contos de fadas, os aspectos monstruosos são também aqueles que, transformados pelo beijo de amor, fazem surgir o belo, e transformados pelo poder da verdade transformam as trevas em luz.

A curiosidade infantil é a mesma curiosidade do filósofo. Cristo está certo quando fala que só "quem se faz como um destes pequeninos, entrará no Reino dos céus". E como podemos resgatar um pouco do nosso grande potencial humano? Lendo mitos. Eles nos ensinam a fazer a nossa viagem interior, a nos voltarmos para dentro. Os mitos constituem também um caminho para o autoconhecimento.

"Aquilo que os seres humanos têm em comum se revela nos mitos. Eles são histórias de nossa vida, de nossa busca da verdade, da busca do sentido de estarmos vivos. Mitos são pistas para as potencialidades espirituais da vida humana, daquilo que somos capazes de conhecer e experimentar interiormente".
Joseph Campbell – O Poder do Mito, Palas Athena, 1990.

Lendo mitos de outros povos começamos a perceber que os enredos são universais. A lenda do Graal, por exemplo, a busca dos cavaleiros do Rei Arthur pelo Graal representa o caminho espiritual que devemos fazer, entre o bem e o mal, o perigo e a bem-aventurança, pois não há conquista que não nos coloque em perigo e que não exija de nós uma dose de sacrifício.

Os mitos, longe de serem apenas histórias antigas, fábulas curiosas para serem contadas às crianças, são narrativas com um extraordinário poder de penetração na psicologia humana. Eles emergem do inconsciente coletivo, e por isso são infinitos na sua revelação.

Jung, médico psiquiatra, dedicou-se a estudar a história das civilizações, dos mitos e das lendas comuns a todas as culturas. Percebeu que os mitos e os contos de fadas são um retrato simbólico dos valores da psique coletiva e individual do inconsciente humano. Gigantes, anões, ogros, dragões e outros monstros são processos psicológicos, estados de desenvolvimento da consciência, cuja melhor representação é feita através de símbolos.

Os símbolos têm uma qualidade dual, o sentido de “ou isto ou aquilo”. Entretanto, suas duas faces são importantes para que seu significado possa ser comunicado. Embora o símbolo apareça com a sua polaridade, no interior da psique individual há um motivo ou impulso em direção à unidade e integralidade.

O ser humano deseja ardentemente ser livre, mas encontra dificuldade de aceitar a responsabilidade por suas escolhas, por suas ações e por seu destino. Essa liberdade só será conquistada quando for capaz de aceitar sua própria sombra e transformá-la pela luz da compreensão.

O autoconhecimento é que ilumina a consciência, e tudo o que se encontra na luz projeta uma sombra escura. O conflito entre as nossas polaridades é necessário ao desenvolvimento, integração e expansão da consciência.

Cada obstáculo, desapontamento ou medo pode ser utilizado como meio para se obter uma percepção mais ampla dos misteriosos mecanismos da psique. Assim, por meio dessas experiências pessoais, podemos perceber o significado de nossas próprias vidas.

Essa integração de aspectos opostos, o sentido de “isto e aquilo”, nos ajuda a conquistar essa compreensão.

Esses processos psíquicos, segundo Jung, seguem certos padrões de comportamento, aos quais ele denominou arquétipos. O termo arquétipo é freqüentemente mal compreendido, julgando-se tratar de imagens ou motivos mitológicos definidos.

Os arquétipos, como elementos estruturais formadores que se firmam no inconsciente, podem ser encontrados em fantasias e sonhos de muitos indivíduos. Aparecem em diferentes épocas e culturas, mas são idênticos na sua essência.

Eles dão origem tanto às fantasias individuais quanto às mitologias de um povo e tendem a aparecer como tipos recorrentes de situações e figuras. Como a busca do herói; a viagem noturna no mar; a luta para se libertar da mãe. As figuras arquetípicas incluem a criança divina, o duplo, o velho sábio, a mãe primordial.

Jung também chama os *arquétipos* de *imagens primordiais*, porque correspondem a termos mitológicos que aparecem freqüentemente nos Contos de Fadas, Mitos e lendas. Compara-os a leitos de rios secos, cuja forma determina as características do rio desde que a água começa a fluir por eles.

Joseph Campbell, um dos maiores mitólogos do mundo, realizou uma pesquisa sobre a presença da mitologia no universo humano e fez descobertas surpreendentes que revela em seu livro "O poder do mito" (1990).

Aprofundou-se no estudo dos mitos, dos bosquímanos aos esquimós, dos judaico-cristãos ao xintoístas, dos zulus aos astecas, mostrando que todas as formas míticas apontam na direção efetiva de "algo além".

O Autor desenvolve uma teoria segundo a qual existe um universo invisível, ao qual todos os mitos apontam, e é esse universo invisível que dá sustentação ao universo visível.

Para ele, o mito é, simultaneamente, um meio de elevar o homem da Natureza (mãe, terra, útero) ao mundo da Cultura (pai). Isto é, integrar a Cultura Humana ao movimento da Natureza.

Em seus estudos, Campbell conclui que todas as narrativas, conscientes ou não, surgem de antigos padrões do mito. E embora essas histórias sejam contadas com detalhes e variações diferentes, adaptadas ao local, ao tempo e à realidade de quem conta, o tema é fundamentalmente o mesmo: “A jornada do herói”. As narrativas, encontradas desde o tempo das cavernas até hoje, em diversas culturas e civilizações, tanto no Oriente quanto no Ocidente, seguem modelos básicos com roupagens diferentes.

Explica que os deuses e deusas dos cultos indo-africanos, o deus único dos cultos judaico-cristãos e muçulmanos, todos funcionam como representação da superioridade ética a ser atingida pelos seres humanos, a forma como cada um de nós deve refletir e viver.

Com a valorização da ciência e da tecnologia, tendo como consequência grandes avanços científicos e tecnológicos, com o apelo ao consumo e outras formas de entretenimento, os mitos tiveram sua importância reduzida. Consequentemente, por vários séculos o surgimento de novos mitos foi praticamente nulo.

Recentemente, com a valorização do cinema, produções ricas com efeitos especiais, os mitos voltaram a ganhar o seu espaço. Não mais contados

de geração em geração, de pais para filhos, como acontecia antigamente, mas através de meios audiovisuais, difundidos ao redor do mundo.

No final dos anos 70, George Lucas, jovem cineasta americano, admirador de Joseph Campbell, resolveu criar uma nova mitologia com elementos do seu tempo, construindo uma ligação dos mitos com o mundo atual. Esse cineasta ficou conhecido, não apenas por seus filmes de sucesso mas, principalmente, pela concepção de Guerra nas Estrelas (Star Wars), que apresenta elementos estudados e escritos por Campbell, em sua obra “O Herói de Mil Faces”.

E qual a razão do sucesso de bilheteria causado pelo filme, na época em que foi lançado? A explicação de alguns estudiosos é que a composição do enredo e dos personagens da história estão repletos de simbologia e ligações com aspectos psicológicos do ser humano.

No início do filme aparece o herói com um “chamado à aventura”. Ele segue sua “jornada” que termina na “ressurreição” e na volta com o “elixir”, etapas detalhadas no livro de Campbell.

Assim como no cinema, a literatura vem atraindo as novas gerações com histórias fantásticas, narrativas baseadas nos antigos padrões do mito, tendo como cenários universos imaginários, com a presença de vilões e heróis com poderes mágicos. Histórias que revelam conteúdos profundos da natureza humana.

Segundo Campbell: “*Cada época tem o seu Mito*”. E qual seria o mito unificador atual?

“Não há apenas um, mas milhares de mitos, pulverizados, fragmentados pelo mundo todo. A grande questão do nosso tempo é a necessidade de um novo mito, capaz de unificar e ultrapassar os avanços científicos, tecnológicos, filosóficos e religiosos de nossa Era”. O Poder do Mito, 1990

3.3. Contos de Fadas

Segundo Lewis Carroll; *Os Contos de Fadas são, na verdade, um presente de amor*. Por lidar com conteúdos da condição humana e da sabedoria popular, esses contos foram utilizados pelo mundo da psicanálise, como altamente terapêuticos e educativos.

Reconhecidos como *os clássicos da literatura infantil*, os Contos de Fada até hoje continuam em alta, pois falam sobre o amor, a vida e a morte, mostrando a ingenuidade e a malícia, a bondade e a maldade existentes na natureza humana.

Em grande parte das histórias, o mais tolo e mais ingênuo se torna o *Herói*. E esse herói parte para o desconhecido, buscando novos horizontes, novos sentidos para a sua vida.

Em seu livro “A Psicanálise dos Contos de Fada”, Bruno Bettelheim (1993) fala sobre a importância dos contos no universo psíquico das crianças. As histórias, os contos podem auxiliar tanto a criança, quanto o adulto, a encontrar representações para o seu sofrimento, marcado principalmente pela dor do abandono e da separação.

Para Bettelheim, os Contos de Fada podem ser instrumentos mediadores, permitindo a quem escuta reconhecer, em algum lugar da história, seus conflitos psíquicos, até os mais assustadores, os quais ainda não pode enfrentar diretamente. Isso explica porque as crianças experimentam tanto prazer em ouvir histórias tão assustadoras, como a de João e Maria que, depois de abandonados pelos pais, ficam perdidos na floresta, onde encontram a “casa de doces da bruxa”.

Citando Corso e Diana Lichtenstein – “Fadas no Divã” (Porto Alegre, 2006)

“Nas crianças é mais fácil observar o impacto da ficção, elas se apegam a alguma história e usam-na para dar colorido e imagens ao que estão vivendo...] A criança é garimpeira. Está sempre buscando pepitas no meio do cascalho numeroso que lhe é servido pela vida.”

Os símbolos nos Contos de Fada não são estáticos, ao contrário, permanecem vivos, atuantes, e são carreadores de energia, cuja fonte é o inconsciente. Afirmam-se através do tempo e da história por lidarem com conteúdos arquetípicos. Comparados aos mitos, têm um caráter mais universal, tornando-se uma forma de expressão elementar e abrangente de processos psíquicos inconscientes.

Na perspectiva junguiana, os Contos de Fadas são uma representação simbólica dos problemas humanos e de suas possíveis soluções. Expressam, ao mesmo tempo, as necessidades instintivas, os valores básicos e os princípios de auto-regulação da psique, como a compensação, a integração dos opostos, a transcendência dos conflitos, a sublimação através da percepção de um símbolo transformador – processos psíquicos que almejam a cura e a inteireza original do indivíduo.

Diante de situações traumáticas de nossa vida, não esquecemos o trauma mas, por meio de uma história, podemos contextualizá-las de forma diferente, criando e recriando o seu significado

Reunidos especialmente em torno da psicanálise suíça Von Franz, diversos junguianos dedicaram-se ao estudo psicanalítico do conto lançando mão do conceito de arquétipo como “uma estrutura elementar da psique”, como Jung o definiu. A idéia associa a origem dos contos ao inconsciente coletivo da humanidade, a partir de uma produção coletiva, transmitida inconscientemente de geração à geração.

Foi assim que, através dos séculos, eles se constituíram em instrumentos importantes para a expressão do pensamento mítico, perpetuando-se no tempo por desempenharem uma função psíquica relacionada ao processo de individuação.

Nos Contos de Fada podemos observar o caráter paradoxal das figuras arquetípicas, manifestando a relação que o ser humano mantém com as oposições dentro dele mesmo. Não existem personagens inteiramente maus, nem inteiramente bons. Juntos, eles expressam os princípios de auto-regulação da psique, como a compensação, a integração dos opostos, a transcendência dos conflitos, a sublimação através da percepção de um símbolo transformador.

Vemos príncipes e princesas, bruxas e fadas, anões e gnomos, deuses e heróis, envolvidos em aventuras que, de alguma forma nos dizem respeito. São arquétipos que, ao serem trazidos à consciência, permitem à Psique cumprir as etapas dos processos de integração progressiva dos conteúdos inconscientes.

Essas histórias, contadas diversas vezes, vão se transformando em espaços internos, instrumentos potenciais que permitem o acesso ao mundo psíquico do paciente, favorecendo o seu processo simbólico. Recorrendo a esses espaços, aprendemos a ir e vir para escrever a própria vida de modo mais saudável, retomando criativamente o contato com o nosso self.

3.4 Contos contemporâneos

A partir dos anos setenta, a literatura infantil começou a ter vida própria, deixando de ficar apenas à sombra da literatura para adultos. Hoje, ela conta também com as histórias *realistas*, isto é, textos que relatam as vivências das próprias crianças.

Se nos contos de fadas o herói era sempre socorrido por “poderes mágicos”, nos contos *realistas* o herói é o protagonista da história: pensa, questiona, planeja, age e transforma.

Atualmente, alguns autores fazem críticas severas às histórias modernas, considerando-as pobres e sem significado simbólico. Resultados terapêuticos contradizem essa observação.

Hoje, além dos contos de fada, mitos, fábulas e lendas folclóricas, encontramos histórias contemporâneas, carregadas de metáforas, que também podem também servir como mediadoras, munidas de dupla capacidade: oferecer a representação do conflito e, ao mesmo tempo, permitir ao ouvinte (ou leitor), uma reorganização de seus conflitos com a possibilidade de enxergá-los de fora, mantendo uma certa distância em relação a eles pela metáfora.

No âmbito terapêutico, os contos contemporâneos podem também tornar-se uma forma de expressão da angústia, ajudando o paciente a verbalizar com mais facilidade seus sentimentos, sem que se sinta invadido. Atualmente, diversos terapeutas utilizam as histórias com essa finalidade. A seleção dessas histórias deve levar sempre em conta o gosto e a problemática do ouvinte, naquele momento.

Os sentimentos que não apreciamos e de que temos dificuldade de falar podem encontrar expressão simbólica em uma história que nos ofereça a possibilidade de reconhecê-los e verbalizá-los. Há sempre um herói, com uma missão quase impossível, com o qual geralmente nos identificamos. Inúmeros desafios fazem parte de sua jornada, mas quase sempre há um final feliz.

Levinson (1996) mostra diferentes maneiras de ajudar o paciente a organizar suas experiências tendo os contos como mediadores. Além de contar e ler histórias, o terapeuta pode estimular a criação de histórias dentro da terapia. O paciente pode também ser o autor da sua própria história.

O americano R.A Gardner lembra que o propósito da utilização clínica do conto consiste em estimular a criança a inventar uma história, com palavras e imagens, oferecendo-lhe a possibilidade de se expressar por meio de uma representação simbólica. A técnica de Gardner tornou-se conhecida e inspirou diversas pesquisas sobre o tema.

Outros autores falam sobre o efeito das histórias para pessoas com problemas de insônia. Nesse caso, contar histórias antes de dormir pode ser uma técnica bastante eficaz.

Trabalhos psicanalíticos recentes atribuem enorme importância às histórias contadas, ou criadas, incluindo o uso simultâneo de outros mediadores, ou o reemprego do conto em novas atividades, como o teatro, o desenho, a pintura, a dança, a música.

A partir de uma combinação da história com imagens, jogos, fantasias, dramatização, etc, é possível criar um espaço lúdico, no qual a criança pode inventar, brincar, imaginar e olhar o “monstro” de outra forma.

Contar histórias e trabalhar com elas como uma atividade artística possibilita um contato com infinitas construções de imagens, que revelam para quem ouve e para quem conta as configurações internas gravadas como experiências de vida.

A troca de histórias pode também servir como instrumento terapêutico, no processo de reconhecimento, identificação, desidentificação e transformação de traumas, sentimentos dolorosos e conflitos internos, conforme exemplifico no final deste trabalho.

“A poética, as metáforas e as artes favorecem o acesso não só ao inconsciente mais instintivo e impulsivo, relacionado ao processo primário da concepção freudiana, mas também aspectos diferenciados superiores relacionados ao processo terciário, regido pelo princípio da transcendência, não presentes na consciência ordinária, mas identificados pelo olhar da abordagem transpessoal na Psicologia, a qual insere os diferentes estados de consciência e possibilita essa percepção mais ampla da realidade e da natureza humana, bem como sua aplicação.”

Vera Saldanha (2008, pág. 83)

CAPITULO IV.

CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA TRANSPESSOAL

4.1 Conceito teórico

A Psicologia Transpessoal apresenta pressupostos diferenciados no campo da Psicologia, explorando diferentes estados de consciência e incluindo na experiência humana a dimensão espiritual. O prefixo “trans” traz justamente esse sentido de ampliação e integração.

Assim, a Psicologia Transpessoal vai além do pessoal, além da personalidade, considerando o indivíduo como um ser multidimensional. Retoma as indagações do “Quem sou eu” e tem como proposta o desenvolvimento integral para o despertar da nossa natureza superior.

Surgiu em um momento de transição e integração do saber, em uma nova etapa da ciência e do conhecimento humano.

No século XX, após duas guerras mundiais, Abraham Maslow se surpreendia com quão pouco a Psicologia de sua época havia contribuído para aliviar o intenso sofrimento humano. Observava que o avanço e a evolução da sociedade era focado, principalmente, na ciência e na tecnologia, e dissociado dos valores humanos.

Maslow enfatizava que uma ciência sem valores não é apenas amoral, é imoral, pois, para ele, ela deveria sempre agregar valores. Imbuído dessas idéias, levou a Psicologia para as organizações, enfatizou a metacognição na educação e trabalhou intensamente no âmbito acadêmico.

Destacava a necessidade da criação de uma boa sociedade, com seres humanos mais saudáveis. E quem é esse ser humano saudável? – indagava Maslow.

Em busca de respostas para esta pergunta, iniciou uma pesquisa com um pequeno grupo de pessoas “saudáveis”, ampliando-a depois para um grupo maior dentro da universidade.

Sua pesquisa mostrou que “pessoas saudáveis” não eram perfeitas, tinham sonhos e enfrentavam os problemas do dia-a-dia com determinação e otimismo. E que todas elas, sem exceção, tinham passado por alguma “experiência culminante” – uma experiência de ampliação da consciência, que as remetiam à transcendência, independente de religião.

A partir de então, Maslow inseriu uma nova linguagem conceitual na psicologia. E em 1968, quando era Presidente da Associação Americana de Psicologia, uniu-se a outros profissionais como Antony Sutich, Viktor Frankl, Stanislav Grof e James Fadiman e oficializou a Psicologia Transpessoal.

Maslow compreendia o homem como um ser com capacidades e poderes adormecidos, e afirmava: “Adoecemos não só por termos aspectos patológicos, mas também por bloquearmos nosso potencial saudável”.

Além das necessidades básicas do ser humano: motivações, metanecessidades, metamotivações, metacognição, auto-realização, ele chamava atenção para as “experiências culminantes” – expressão utilizada por ele para descrever os melhores momentos do ser humano: experiências de felicidade, êxtase, beatitude.

Nessas experiências, o homem é capaz de atingir “cumes” ainda mais elevados, que pode durar alguns minutos ou horas, vivenciando um estado de consciência de si e do mundo à sua volta, um estado de paz, harmonia liberdade e integração cósmica.

Maslow descreve também a “experiência platô”: uma experiência mais estável e duradoura, a partir de uma ampliação maior da consciência, trazendo ao indivíduo mudanças fundamentais que vão afetar suas crenças, atitudes, sua maneira de enxergar e vivenciar a vida.

Nesse sentido, destaca a importância de se vivenciar emoções positivas, auto-realizadoras, evidenciando a necessidade de pesquisas e estudos mais sérios sobre a brincadeira, o lúdico, os jogos, enfim, atividades e exercícios que possam estimular no indivíduo a alegria, a felicidade, a afetividade, a colaboração, favorecendo também a sinergia grupal e social.

Nos últimos anos, a Psicologia Transpessoal vem se expandindo em muitas áreas, como a Educação, a Biologia, Física, Medicina, Neurologia, Psiquiatria, Antropologia, Sociologia, Biologia, etc. Na Educação ela apresenta uma abordagem Transdisciplinar. Aborda o específico e a totalidade, com a possibilidade de resgatar o verdadeiro conhecimento do Ser em sua inteireza e viver na percepção da Unidade.

4.2 A Abordagem Integrativa Transpessoal

A Abordagem Integrativa Transpessoal foi desenvolvida por Vera Saldanha, reunindo muitos anos de experiência clínica, seus conhecimentos pessoais, além de cursos e palestras ministrados no Brasil e no exterior sobre o tema.

A autora fundamentou seu trabalho em pesquisas e estudos dos principais ícones da Psicologia Transpessoal, entre eles: Maslow, Snailav Grof, Pierre Weil, Assagioli, Moreno, Fadman, Jean-Yves Leloup, entre outros.

Seu objetivo inicial era aprofundar os estudos sobre a Psicologia Transpessoal, buscando a validação e eficiência da sistematização teórica e didática transpessoal.

Em suas pesquisas Vera indagava até que ponto a Didática Transpessoal poderia alcançar a dimensão mais ampla do ser humano, favorecendo não só a emergência de valores positivos e éticos, mas também o seu aprimoramento pessoal, com reflexo nos seus relacionamentos, na sua vida familiar e profissional.

A abordagem Integrativa Transpessoal, tema de sua tese de Doutorado em Psicologia, e de seu último livro (Editora Unijuí, 2008) apresenta a Psicologia Transpessoal como construção de um novo conhecimento.

Vera começou a construir uma sistematização com os principais conceitos da Psicologia Transpessoal, apresentando-os de forma estrutural e dinâmica, com a finalidade de facilitar sua aplicação em diversas áreas, com destaque especial à educação, à saúde, grupos terapêuticos e instituições.

Da elaboração desse conhecimento em Psicologia surgiu a “Abordagem Integrativa Transpessoal” e sua forma de ensiná-la, denominada “Didática Transpessoal”.

4.3 Sistematização – Aspectos Estruturais

A organização dos conceitos essenciais em Psicologia Transpessoal foi desenvolvida por Vera Saldanha com o intuito de dar maior suporte e sustentação ao processo educacional e terapêutico, clareando alguns conceitos novos, ainda não evidenciados por outros autores.

Para facilitar a compreensão desses conceitos tão complexos, a autora procurou sistematizá-los em dois aspectos básicos: o estrutural e o dinâmico.

O aspecto estrutural é constituído por cinco elementos: conceito de unidade, conceito de vida, conceito de ego, estados de consciência e cartografia da consciência.

Os estados ou níveis de consciência simbolizam o caminhar pelas diferentes dimensões da consciência. São passos que norteiam o processo, ampliando e favorecendo a percepção de diferentes níveis da realidade.

A “cartografia da consciência” abrange: Consciência de Vigília; Pré-consciente; Inconsciente psicodinâmico; Inconsciente ontogênico; Inconsciente transindividual; Inconsciente filogenético; Inconsciente extra-terreno; Supraconsciente ou Superconsciente.

Dentro da Abordagem Transpessoal é fundamental o conhecimento e o trabalho com esses diferentes níveis de consciência, buscando ampliá-la para além do estado de vigília: o supraconsciente. Quando o indivíduo consegue expandir sua consciência, reúne condições para ir à origem de seus conflitos, encontrando soluções para os mesmos. .

4.4 Aspectos Dinâmicos

Os aspectos dinâmicos são constituídos pelo eixo experiencial e eixo evolutivo. O eixo experiencial é representado por uma linha horizontal e o eixo evolutivo por uma linha vertical. Ambas se cruzam ao meio, formando uma cruz.

O eixo experiencial simboliza a integração de REIS: Razão, Emoção, Intuição e Sensação, a qual leva à ampliação da percepção da realidade .e à manifestação natural do eixo evolutivo ou nível superior da consciência, de onde emergem os valores positivos e a dimensão saudável inerentes ao ser humano.

A Razão, ou Corpo Mental representa os pensamentos, idéias, conceitos e sentimentos. Está ligada ao corpo físico pelo cérebro e medula espinhal. É uma função importante, mas que deve estar integrada a outros níveis de percepção da realidade.

A Emoção, ou Corpo Emocional, diferente de sentimento (função valorativa) tem o mesmo significado de afeto. Para Maturana: “O amor é a emoção central na história evolutiva humana”.

Intuição é percepção, conhecimento claro, direto, imediato e espontâneo da verdade, sem o auxílio do raciocínio.

Sensação é a função dos sentidos. O indivíduo apreende a realidade concreta por meio dos cinco sentidos. Assim como a intuição, ela não apresenta, em si mesma, nenhuma reflexão ou julgamento. A sensação traz o corpo em ação e é fundamental no desenvolvimento de aspectos psicoespirituais na abordagem transpessoal.

Quando o indivíduo está fragmentado, ou polarizado em uma dessas funções, fica momentaneamente impedido de vivenciar o sentido de integração, de presença. Dessa forma, não consegue dar sentido à sua experiência, mantendo-se na inconsciência.

A fragmentação, afirma Saldanha, reduz a capacidade de aprender, transformando conteúdos em saberes com significados, dificultando a manifestação de sua dimensão superior.

O eixo evolutivo, é que traz a apreensão do sentido da experiência no plano pessoal e coletivo, favorecendo a percepção de uma ordem superior de realidade: a supraconsciência.

Nas palavras de Vera Saldanha (2208):

Ao percorrer o eixo evolutivo, o indivíduo percebe a totalidade, desenvolve sua unidade e sua especificidade. Algo que lhe compete e a ninguém mais. É a evolução de sua própria consciência por meio agora do saber, ao mesmo tempo que há um profundo sentimento de comunhão com o todo e com todos [...] O resultado da síntese entre o eixo evolutivo e experiencial é integrado na dimensão existencial do Ser, trazendo-lhe o refinamento da experiência a ser vivenciada, e proporcionando sentido e vivência à própria vida.

4.5. Abrindo as portas do nível intuitivo

Segundo César Coll, ao realizar aprendizagens significativas, o aluno constrói a realidade atribuindo significados que façam sentido para ele mesmo. Assim, a repercussão dessa aprendizagem sobre o seu crescimento pessoal é maior quanto mais significativa ela for, e quanto mais significados lhe permitir construir.

Piaget estudou as etapas do aprimoramento cognitivo e fundamentou uma teoria da aprendizagem centralizada no desenvolvimento. Mas ele desconhecia as faculdades intuitivas e, em seus estudos, não considerou a possibilidade de abertura para um estado mais elevado de consciência. Afirmava que: as estruturas cognitivas são o resultado da interação do indivíduo com o meio em que está inserido.

Com o passar do tempo, tornou-se evidente que essa teoria necessitava ser complementada por outras fontes, a fim de abarcar integralmente o Ser na tarefa educativa.

Numa visão Transpessoal, quando aprendemos a nos harmonizar, reunindo REIS: Razão, Emoção, intuição e Sensação – vamos nos conectando com o nosso SER Interior, com a nossa Essência. O despertar da Intuição nos permite reconhecer e o nosso potencial mais elevado.

Eugenia Puebla (1992), descreve a experiência intuitiva como uma experiência ao mesmo tempo simples e complexa: procede do nosso interior, mas emerge sem que a busquemos. Nós a percebemos e sentimos como uma totalidade sem dedução ou explicação verbal clara, relacionada a um sentir mais compreensivo que conceitual, que nos envolve plenamente.

“A intuição nos leva a perceber e experienciar a unidade subjacente em tudo, além das diferenças e diversidades das formas externas.

Desta maneira manifesta-se uma energia que une a força mais poderosa do Universo, aquela que mantém a estrutura do Cosmos: o Amor.” Eugenia Puebla (1997)

A intuição envolve todos os nossos campos de ação: pessoal, social, físico, mental, emocional. A linguagem intuitiva pode ser estimulada a partir da linguagem simbólica, das metáforas, histórias, música, poesia, acompanhada de ações corporais, que implicam até em uma mudança fisiológica perceptível.

A experiência do conhecimento intuitivo é beneficiada pela tranqüilidade da mente, porque a supera, mas não se limita a ela. Podemos considerá-la também como o que Jung chamou de “sincronicidade”, ou seja, estar no lugar certo, no momento oportuno. A “coincidência” entre fatos externos e internos sem ligação causal aparente, mas que possui um sentido ou impacto significativo.

Em algumas experiências intuitivas surge um elemento prenunciativo explícito ou implícito, que indica como agir em uma determinada situação. A intuição pode surgir no meio de uma experiência, em forma de palavras, sonhos, ou imagens.

Para os escritores, por exemplo, ela se expressa geralmente em palavras, para os artistas em imagens visuais. Em alguns indivíduos a intuição aparece como o que Eugene Gendling – psicólogo, filósofo e professor na Universidade de Chicago – chamou de “o sentido do sentido”.

Albert Einstein, criador da teoria da relatividade, incontestável ponto de experimentação, raciocínio e intuição, afirmava: “O verdadeiramente valioso é a intuição”.

Recuando um pouco mais no tempo, encontramos Isaac Newton, sobre quem se dizia que sua intuição era tão extraordinária, tão correta em suas hipóteses, que parecia saber mais do que teria imaginado demonstrar.

Se mergulharmos na essência dos descobrimentos, percebemos que eles surgiam sempre que se desafiavam as suposições convencionais.

A criação artística, geralmente, está conectada com o nível intuitivo. A educação da intuição, ou seja, o desenvolvimento da autoconsciência, também favorece o reconhecimento da linguagem intuitiva.

Infelizmente, muitas instituições educacionais valorizam o desenvolvimento mental, físico, emocional, mas ignoram a intuição, deixando de reconhecer a magnitude do nível espiritual e intuitivo.

4.6. A Didática Transpessoal e a Arte de Contar Histórias

Reunindo minha experiência como educadora, jornalista, autora de mais de cinquenta obras (literatura infantil e poesia) já vinha, há algum tempo, realizando oficinas e palestras para professores em diversos estados do Brasil.

Apoiada no conhecimento da Didática Transpessoal pude ampliar e enriquecer esse trabalho.

Hoje, em minhas “oficinas literárias”, busco juntos aos professores ir além da preocupação com o desenvolvimento de projetos a partir de uma história, considerando sempre a realidade e o contexto em que estão inseridos.

Durante todo o tempo procuro trabalhar com REIS (Razão, Emoção, Intuição e Sensação) numa visão Transdisciplinar e Transpessoal. Além disso, seleciono histórias para trabalhar também com as sete etapas.

Ao me preparar para o encontro, procuro conhecer, previamente, um pouco da realidade daquele grupo para um trabalho de sensibilização.

Seleciono livros e textos de autores que tratam do valor e da importância da linguagem simbólica, como também histórias que permitam aos educadores reconhecer e relacionar suas próprias emoções, sentimentos, lembranças e sensações, resgatando suas experiências de vida e elaborando-as dentro de um novo contexto.

Preparo o ambiente para um relaxamento (almofadas no chão, música suave). Apresento uma parte teórica, atenta às questões e comentários de cada um, procurando garantir a participação de todos.

A seguir, leio uma história, pausadamente, de acordo as sugestões apresentadas no anexo 2.

Individualmente, cada professor é convidado a registrar, por meio de um pequeno texto, a parte da história mais significativa para ele e responder:

- Por que escolhi essa parte da história ?
- Que sensações e sentimentos despertam em mim?
- Quais as relações com a minha vida?

A seguir, formam-se duplas para compartilhar essas idéias. Após esse trabalho, realizamos uma segunda leitura a partir das imagens:

- Qual a linguagem utilizada pelo ilustrador? Como ele se expressa?

Que recursos utiliza para recontar a história?

Para facilitar a realização desta atividade é necessário ter diversos livros disponíveis.

Individualmente, cada um deve registrar, por meio de uma imagem (pintura, colagem), a página mais bonita, ou marcante do livro.

Além do trabalho com Arte (desenho, pintura, colagem, etc) no qual os educadores podem se expressar, individualmente e em grupo, sem receio da crítica, sentados em círculo (grupão) conversamos e trocamos idéias sobre as emoções e sentimentos despertados pela história (texto e imagens), as relações com as nossas experiências de vida, os símbolos e metáforas que aparecem no texto, nos personagens e nas entrelinhas.

Pude verificar, por meio dessas vivências, que as histórias favorecem o processo de reconhecimento, identificação, desidentificação e transformação.

Ao se identificar com um personagem, acompanhando a sua trajetória passo a passo, com toda atenção e interesse, o ouvinte busca respostas para os seus próprios conflitos. Ao mesmo tempo em que assiste a trama como

quem vê de fora, desenvolve sua capacidade de observar, analisar, refletir e criticar, com senso de humor e liberdade.

Dessa forma, o trabalho passou a ser muito mais motivador: para mim, para os professores e, conseqüentemente, para as crianças, com as quais irão vivenciar o processo de leitura e o desenvolvimento de atividades.

Apresento a seguir algumas histórias de minha autoria, com sugestões de trabalho numa didática transpessoal.

História I: “Os Guardados da Vovó”**Autora: Nye Ribeiro****Ilustradora: Camilla Saldanha****Roda & Cia Editora**

Meus avós vão fazer Bodas de Diamante. Isso quer dizer que eles estão casados há 60 anos! Haverá uma grande festa e eu também vou participar, junto com meus pais, irmãos, tios, primos, parentes e amigos. Hoje, Vovô Milton e Vovó Ivone têm 16 netos e três bisnetos. E é difícil conseguir reunir todo mundo numa festa só!

Gosto de passar as férias com eles em Ouro Branco, perto de Ouro Preto, em Minas Gerais. Uma região rica em história e pedra-sabão. No caminho passamos pela Estrada Real, construída pelos escravos há mais de 300 anos. Por ali passaram nosso ouro e pedras preciosas no tempo do Brasil colônia. Passaram também os inconfidentes, com seu sonho de liberdade.

Na casa do sítio há um armário cheio de roupas das crianças. Cada um que vai para lá acaba deixando algumas peças para quando voltar. O engraçado é que, nas férias seguintes, as roupas não servem mais ao antigo dono. E vão passando de um neto para o outro.

Vovô e vovó costumam acordar cedo e ficar na cama, conversando. Do outro quarto, eu escuto a voz dos dois, mas não consigo entender nada. O que será que eles falam tanto? Também, com uma família tão grande, assunto é o que não há de faltar!

De repente, sinto um cheiro gostoso de café e de pão de queijo, saindo do forno. Levanto e vou para a cozinha. Ali, nos dias mais frios, todos se reúnem em volta do fogão a lenha. Vovó Ivone faz um pão caseiro delicioso. E faz também bolo, tortas, doces, rosquinhas e outras quitandas. É por isso que eu sempre volto das férias mais gordinha.

Vovô levanta cedo e vai andar pelo sítio. Vovó gosta de ficar um pouco mais na cama, principalmente no inverno. Nas manhãs mais geladas, fica tudo nublado e o Sol custa a aparecer.

Um dos lugares da casa de que eu mais gosto é a varanda. Ali, passamos horas descansando na rede, lendo e conversando. O silêncio em volta é tão grande que dá para ouvir o canto dos pássaros e das seriemas.

No final da tarde, escutamos os grilos e os sapos. Quando chove, ouvimos o barulhinho da chuva. Em noites claras, conversamos até tarde e ficamos ali vendo a Lua, as estrelas e os vaga-lumes. Quando eu era pequena, pensava que os vaga-lumes eram as estrelas da Terra...

Até hoje, gosto de ir atrás do vovô no pomar. E também de ajudar a vovó a jogar milho para as galinhas e a colher os ovos.

Ali no sítio há um galo cantor muito engraçado. Ele não canta só “cocoricó”, igual aos outros galos. Começa a cantar e não para mais. Como disse minha tia: “Acho que esse galo deve ter algum problema!”.

Vovó Ivone tem suas manias. Uma delas é ajuntar coisas.

– Joga isso fora, Ivone! – diz o vovô. – Onde já se viu ajuntar tanta bobagem?

Que nada! Vovó sempre arranja um lugarzinho para guardar mais alguma coisa. O mais divertido é quando ela resolve arrumar os armários. Ali, há um pouco de tudo: latas de botões, carretéis de linhas, lãs e barbantes, agulhas de tricô e crochê, caixas de presente, toalhinhas bordadas, rendas, sinhaninhas, enfeites, bibelôs, bijuterias, cadernos de receita...

Um dia desses, enquanto vovô andava pelo sítio, vovó tirou uma porção de coisas do armário e começou a me contar suas histórias. Primeiro, ela pegou uma caixa bonita de madeira, cheia de colares antigos.

– Está vendo este colar de cristal? Eu o usei numa festa. Naquela noite eu estava com um vestido de seda amarelo, bem rodado. E todos os rapazes queriam me tirar para dançar!

– É mesmo, vovó? E o vovô estava lá também? Vocês já eram namorados?

– Namorados? – perguntou vovó, dando risada. – Não! Nós nem nos conhecíamos ainda. Naquele tempo, era tudo muito diferente. Primeiro, o moço tinha que ir à casa da moça e pedir sua mão em casamento.

– E aí começavam a namorar?

– Sim, mas os pais ficavam sempre por perto. E não podíamos nem ficar de mãos dadas.

– Nem um beijinho, vovó?

– Uma vez seu avô me deu um beijo escondido. – contou vovó, com os olhinhos brilhando. – Mas nós já estávamos noivos, de casamento marcado.

– O que é que tem dentro desta caixa, vovó? São conchinhas?

– Quando eu ia para Nova Viçosa, na Bahia, gostava de andar na praia e de ajuntar conchinhas.

– E a senhora também usava biquíni?

– Biquíni? Imagine! Eu nem sabia o que era isso!

– E o que tem aqui nesta outra caixa, vovó?

– São leques.

– A senhora também usava leques? Para quê?

– Ah! Naquele tempo era chique. Eu tinha um leque para ir à igreja, outro para ir a festas...

– Nossa! E estas luvas? Onde é que a senhora usava luvas?

– Sair arrumada, sem luvas, era como usar salto alto sem meias de seda. Esta luva de renda, eu só usava em grandes ocasiões. Esta outra, para viajar e fazer visitas. Esta luva de pelica, eu só usava no inverno...

– Vovó, que caixona é aquela, lá em cima do guarda-roupa?

– É uma caixa de fotografias.

Abrimos a caixa, sentamos na cama e começamos a olhar as fotos.

– Veja só a foto do seu avô. Como ele era bonito! E olha aqui a foto do nosso casamento.

– Vovó, como a senhora estava linda de vestido de noiva! E esta foto aqui, de quem é?

– É do seu tetravô; você nem chegou a conhecê-lo. Esta foto, ele tirou na Itália, antes de vir para o Brasil.

– E a senhora tem foto da minha tetravó também?

– Vamos ver. Tem esta aqui, mas está meio desbotada.

– Que bonita! Minha tetravó também nasceu na Itália, vovó?

– Não, ela nasceu no Brasil, mas era filha de imigrantes portugueses.

– Vovó, e esta foto aqui, com toda a família reunida... Eu também estou nesta foto?

– Não – disse vovó –, sua mãe ainda era pequena. Olha ela aqui.

– E esta moça, com chapéu de veludo... É a senhora, vovó?

– Sim. Naquele tempo as mulheres usavam chapéu, e eu tinha um para cada ocasião.

– A senhora ainda tem esses chapéus?

– Devo ter alguns.

E lá foi a vovó pegar mais uma caixa enorme com chapéus.

– Que beleza! Posso experimentar um?

– Pode sim.

– Hum... Este aqui é muito grande. E este é pequeno demais. Olha esta boina azul... É da cor do meu casaco. Qualquer dia a senhora me empresta, vovó?

– Empresto, sim, com o maior prazer!

E voltamos às fotografias

– Que engraçado, vovó! Não estou acreditando que este aqui é mesmo o vovô!

– É, sim. Ele tinha cabelos pretos, bigode, era bem magro, usava terno e nunca tirava o chapéu.

– E hoje tem os cabelos branquinhos! Mas a senhora gosta dele assim mesmo, não gosta, vovó?

– Ah! Eu sempre fui apaixonada pelo seu avô, desde que nos conhecemos.

– E aquela caixa velha, vovó? Posso abrir?

– Não. Essa caixa é do seu avô. Tem uma porção de documentos e cartas antigas. Ele tem mania de guardar essas coisas!

Ajudei vovó a guardar tudo no armário e, mais tarde, quando o vovô voltou, eu lhe perguntei sobre as cartas. Ele abriu a caixa e nela havia uma porção de envelopes amarelados, com selos antigos, cartas, cartões e até poemas do meu bisavô. Emocionado, vovô leu um poema para mim.

– Por que o senhor ainda guarda tudo isso, vovô?

– Sabe, minha neta, nós somos um pouco de todas as nossas lembranças juntas. Algumas vão ficando desbotadas pelo tempo. Outras vão

dando mais colorido à nossa vida. E é com elas que vamos escrevendo a nossa história.

– Ah! Estou entendendo...

Depois, o vovô convidou a vovó para acompanhá-lo a um passeio pelo sítio. E os dois saíram juntinhos, de mãos dadas.

Fiquei ali, na varanda, pensando: – Será que algum dia eu terei tantas histórias para contar? Como os meus avós?

Apesar de alguns desentendimentos de vez em quando, para mim, eles serão sempre a mais linda história de amor que eu já vi. Uma história da qual eu faço parte. Melhor que as histórias dos filmes e novelas da TV. Uma história de 60 anos. Ao vivo e em cores.

Sugestões de trabalho com a história com adultos:

- Preparar o grupo para um exercício de relaxamento (música suave)
- Leitura da história de acordo com as sugestões apresentadas (anexo 2)
- Trabalhar as sete etapas a partir desta história (exemplo abaixo):

Reconhecimento: primeiro reconheço a experiência: *“Estou ouvindo uma história que alguém está contando.*

Identificação: uma parte da história está mexendo com as minhas lembranças, sentimentos, positivos e negativos (amor, raiva, inveja). Sinto-me confusa, emocionada e ao mesmo tempo incomodada: Exemplo:

- *Não tive uma família assim, e gostaria tanto de ter tido!*
- *Que chatice! Nunca gostei de reuniões de família.*
- *Nossa! Esta fotografia só pode ser do meu avô.*
- *Minha avó também tinha mania de guardar coisas. Que saudade eu sinto da minha infância e da minha convivência com ela.*
- *Essa história está me deixando emocionada...*

Desidentificação: a história já foi contada e eu percebo: *“Esta é uma história que alguém escreveu, e eu estou aqui, participando do curso”* (o observador).

Transmutação: através da experiência de relaxamento e outras vivências propostas pelo coordenador do curso (troca de experiências, desenho, pintura, mandalas) começo a ter contato e a observar as sensações, lembranças e sentimentos despertados em mim pela história.

Transformação: *“Aceito o que estou vendo, sentindo e reconhecendo em mim nesse momento: saudade, raiva, arrependimento, inveja, amor...”*

Elaboração: *“Qual o sentido dessa experiência para mim? O que ela quer me revelar? O que posso aprender com ela?”*

Integração: *“Esta história me fez perceber a minha inveja, raiva, tristeza e, ao mesmo tempo, emoções profundas de amor e esperança. Eu compreendo os meus sentimentos e me aceito como sou. Nesse momento, integro todos essas sensações e sentimentos e reafirmo o meu amor por mim, pela minha busca e confiança, que me fizeram chegar até aqui.”*

OBS. Inicialmente algumas pessoas não vão conseguir compreender e trabalhar as sete etapas. Poderão apenas fazer a identificação, o reconhecimento, a desidentificação. Por isso, é fundamental que o coordenador (ministrante) realize um “fechamento” do exercício (ex: meditação conduzida), proporcionando aos educadores a oportunidade de integrar a experiência.

História II : “O Jardim de cada um”**Autora: Nye Ribeiro****Ilustradora: Pandora Studio****Papirus Editora**

Clara era especial. Disso ninguém tinha dúvida. Levantava bem cedo, sorrindo, cantando, feliz da vida. Esperava o sol nascer e, logo depois, começava a cuidar do seu jardim:

afofava a terra,
tirava as ervas daninhas,
organizava os canteiros,
plantava mudinhas novas
regava com cuidado...

E fazia tudo isso sorrindo, cantando, feliz da vida!

Mais tarde, Clara ia para o tanque com uma trouxa de roupa:

o uniforme de futebol do Paulinho,
a blusa nova da mamãe,
a camisa do papai,
a calça do vovô,
meu vestido amarelo.

Deixava as roupas limpinhas e cheirosas...

E fazia tudo isso sorrindo, cantando, feliz da vida!

Mas não era só roupa que Clara lavava não.

Lavava também:

a birra do Paulinho,
a braveza da mamãe,
o mau humor do papai,
a ranhetice do vovô,
a minha tristeza.

Deixava todo mundo de alma lavada e enxaguada...

E fazia tudo isso sorrindo, cantando, feliz da vida!

Um dia, resolvi descobrir qual era o segredo de Clara.

Já sei. Vou levantar bem cedinho e segui-la, escondida o dia todo.

Vi quando ela saiu bem cedinho para ver o sol nascer. Que beleza!

Os passarinhos voando em bando, na maior festa, pareciam dizer:

– Bom dia, Clara!

Vi quando ela foi cuidar do jardim. Que delícia!

Afofou a terra, plantou, regou. E as flores, alegres, pareciam dizer:

– Bom dia, Clara!

Vi quando ela foi para o tanque lavar roupa. Que disposição!

Ensaboou, esfregou, torceu. E as roupas penduradas no varal pareciam dizer:

– Bom dia, Clara!

No final da tarde, Clara sentou na varanda para ver o sol se por, e ali ficou quietinha, quietinha, até a noite chegar com o seu manto de estrelas. Foi nessa hora que eu descobri o segredo de Clara. Foi ela mesma quem me contou.

Clara tem também um jardim dentro do seu coração.
E todos os dias, no final da tarde...
Arranca as ervas daninhas – a inveja, a raiva, os pensamentos ruins.

Planta mudinhas novas: o amor, a alegria, a esperança.
Afofa a saudade, para que brotem boas lembranças.
Organiza os canteiros das pessoas que moram no seu coração – ali há lugar para todos.
Depois, rega com carinho e ternura e deixa tudo limpinho e cheiroso.
E o jardim do seu coração dorme em paz para acordar no outro dia, bem cedinho,
cheio de alegria.

– Cada um de nós tem um jardim para cuidar – me contou Clara, naquela varanda,
à luz da lua...

E as estrelas, brilhando no céu, pareciam dizer:
– Boa noite, Clara!

Sugestões de trabalho com a história:

Objetivos

- Desenvolver a idéia de confiança no mistério da natureza, respeitando suas leis naturais e seus ciclos de vida e morte.
- Refletir e trabalhar com a noção de cuidado.
- Vivenciar situações de paz, tranqüilidade, confiança e auto-estima.
- Despertar a consciência da necessidade de ecologia interna e externa.

Atividades: (Obs. podem ser realizadas com crianças ou adultos, no sentido de despertar a criança interna):

1. Leitura individual

2. Leitura compartilhada – os alunos interessados vão levantando a mão e o professor determina quem deve continuar a leitura.

3. Trabalho Individual:

3.1. Escolha a parte da história que você mais gostou e faça um desenho.

3.2 Pense e responda: - Como era o jardim de Clara?

3.3 Agora, imagine o seu jardim:

- O que você plantaria nele? – O que você arrancaria do seu jardim?
- Pinte o seu jardim

4. Trabalho em grupo:

4.1. Pensem, discutam e respondam:

- O que Clara fazia todos os dias?
- De que forma ela realizava essas tarefas?
- Por que Clara era feliz?
- De que forma as pessoas podem se tornar mais felizes?
- O que vocês aprenderam com a Clara?

5. Pintura, recorte e colagem:

Cada grupo deverá montar um painel com as flores do jardim de Clara.

6. Dramatização da história

Relaxamento e Dramatização (Sala ampla, com pouca luz; escolher uma música bem apropriada, alunos deitados no chão, preparar para o relaxamento). Obs. O texto abaixo deve servir de base para o exercício, ficando a critério do educador modificá-lo de acordo com o grau de interesse e concentração dos alunos.

“Agora vamos ficar bem quietinhos. Vamos prestar atenção na nossa respiração. Quando eu inspiro minha barriga fica cheia de ar (assim...), quando eu expiro minha barriga fica vazia (assim..). Inspire e expire bem gostoso, sentindo a sua respiração.

Agora, devagarinho, vamos entrar no nosso jardim. No nosso jardim existem muitas sementinhas guardadas, que um dia vão brotar. Vamos cuidar bem dessas sementes. Existem brotinhos novos, que vão crescer. Existem flores bonitas, perfumadas... todos precisam de cuidado.

Mas no nosso jardim existem também ervas daninhas, o mato que vai crescendo, crescendo e que, um dia, pode matar os brotinhos e abafar as sementes, que vão ficar sem espaço para crescer. Por isso, todos os dias, vamos cuidar do nosso jardim. Tirar o mato, as ervas daninhas – a raiva, a inveja, os pensamentos ruins... Cuidar das sementes boas que estão guardadas no canteiros, esperando a hora de brotar – o amor, a paz, o perdão...

E depois que nós fizermos a nossa tarefa, todos os dias, vamos esperar que a mãe natureza faça a sua parte. Deixar que a vida cuide da vida...

Não adianta ficar arrancando a semente de novo, para ver se ela já está brotando. Ela tem que ficar lá na terra, no escuro. É da terra que ela tira a comida, a água que vem da chuva. Ela tem que esperar um tempo até ficar bem gordinha, pronta para nascer.

Agora, vamos fazer de conta de conta que cada um de nós é uma sementinha. A sementinha está lá no alto, no galho da árvore.

De repente bate um vento (VUMMM...barulho de vento)... a sementinha vai caindo, caindo, rodopiando...está no chão.

Um menino vem e planta a sementinha.

– Pronto. Agora você vai ficar aí, viu sementinha. E todos os dias eu venho cuidar de você.

– Nossa, como está escuro aqui dentro. Estou ficando com medo.

– Não precisa ter medo sementinha, eu estou aqui... (é a Mãe Natureza, ainda bem, ela também vai cuidar de mim)

– Agora estou ficando com fome, muita fome.

– Calma, sementinha. Aqui tem bastante comida para você, pode comer à vontade... (é a Mãe Terra, ela também está cuidando de mim)

– Agora estou ficando com sede, muita sede...

– Cheguei! (barulho de chuva) Olha que chuva gostosa, fresquinha... Agora você pode beber água à vontade... (é a Mãe chuva, ela também está cuidando de mim)

– Agora estou ficando com sono, muito sono...

– Dorme, sementinha, dorme bem gostoso. Quando chegar a hora, nós acordamos você (é a Mãe Natureza, posso dormir sossegada porque o tempo todo ela vai estar cuidando de mim)

Música de ninar (letra adaptada pela professora).

Dorme, dorme, sementinha.

Dorme, dorme, quietinha

Dorme um sono bem gostoso

Que nós cuidamos de você...

– Que bom! Posso dormir sossegada. Todas as minhas mães - a Mãe Terra, a Mãe Nuvem, a Mãe Chuva, a Mãe Natureza...todas elas estão cantando pra eu dormir ZZZZ.....

(Silêncio – só a música)

– Sementinha, psiu... sementinha (começa a chamar bem baixinho e vai aumentando o tom de voz). Está na hora de acordar... Acorda sementinha, acorda!

Agora, vamos abrindo os olhos devagarinho. Vamos espreguiçar: assim... Vira de um lado, do outro. Estica os braços, as pernas... bem devagar... Agora, vamos nos levantar bem devagar.

Olha! A sementinha acordou (as crianças ficam de pé).

Ela soltou o seu primeiro brotinho (levantam o braço)

Agora ela já é uma plantinha, uma plantinha que está crescendo, crescendo... (na ponta dos pés, esticando os braços para o alto).

A plantinha continua crescendo, crescendo, já está quase chegando no céu..."

A professora desliga o som. Pede para as crianças sentarem de novo no chão formando uma roda e conversa sobre a história. Deixa as crianças falarem a vontade, estimulando a troca de experiências entre elas.

História III: “De Todas as Cores”**Autora: Nye Ribeiro****Ilustradora: Ellen Pestili****Roda & Cia Editora**

Olha lá o Juvenal, cuidando de seu jardim no maior capricho!
No primeiro canteiro, Juvenal plantou apenas margaridas brancas.
No segundo canteiro, Juvenal plantou apenas girassóis amarelos.
No terceiro canteiro, Juvenal plantou apenas tulipas vermelhas.
No quarto canteiro, Juvenal plantou apenas hortênsias azuis.
No quinto canteiro, Juvenal plantou apenas petúnias roxas.
E assim por diante...

Os girassóis amarelos olhavam com desprezo para o canteiro de hortênsias azuis:

- Que florzinha mais sem graça!

As hortênsias azuis olhavam com desprezo para o canteiro de petúnias roxas:

- Que cor estranha!

As petúnias roxas olhavam com desprezo para o canteiro de margaridas brancas:

- Que flor mais desbotada!

As margaridas brancas olhavam com desprezo para o canteiro de tulipas vermelhas:

- Que flor esnobe!

As tulipas vermelhas olhavam com desprezo para o canteiro de girassóis amarelos:

- Que flor esquisita!

E assim por diante...

Quando Juvenal saía do jardim, vinha um bando de borboletas, atraídas pelas cores.

E vinham também muitas abelhinhas, atraídas pelo pólen.

E vinham também muitos bem-te-vis, canários e beija-flores, atraídos pelo néctar e pelo perfume das flores.

Visitavam cada canteiro e ficavam voando para lá e para cá, na maior festa!

Mas, um dia...

Nasceu uma margarida no canteiro de petúnias.

- O que você está fazendo no nosso canteiro, sua branquela? – disseram as petúnias.

E nasceu uma petúnia no canteiro de girassóis.
– Credo! Que Flor mais esquisita! – disseram os girassóis.
E nasceu um girassol no canteiro de hortênsias.
– Você não é daqui. Vai embora! – disseram as hortênsias.

E nasceu uma hortênsia no canteiro de tulipas.
Que florzinha mais sem graça! – disseram as tulipas.

E nasceu uma tulipa no canteiro de margaridas.
- O que você está fazendo no nosso canteiro? Xô! Sai já daqui! – disseram as margaridas.

E assim por diante...

Quando Juvenal voltou ao jardim:
– Nossa! Que confusão! O que será que aconteceu por aqui?
E já ia arrancar as flores intrusas, voltando cada uma para o seu canteiro, quando...
– Pensando bem... até que é uma boa idéia!

Depois desse dia, Juvenal resolveu misturar todas as flores: os girassóis, as margaridas, as petúnias, as tulipas, as hortênsias.
O jardim ficou todo colorido. E a cada dia vinham mais borboletas, mais abelhinhas, mais beija-flores, mais canários, mais bem-te-vis...
E assim por diante...

E as flores? O que será que aconteceu com elas?
No começo todas se estranhavam um pouco.
As tulipas não suportavam os girassóis.
Os girassóis não gostavam das hortênsias.
As hortênsias não queriam saber das petúnias.
As petúnias faziam pouco das margaridas.
As margaridas mal olhavam para as tulipas.
E assim por diante...

Mas, com o tempo, foram aprendendo a conviver.
E ficaram amigas umas das outras.
Descobriram que cada uma tem a sua beleza e o seu perfume.
E que ninguém é melhor que ninguém.
Perceberam também que no jardim de Juvenal havia lugar para flores de todas as cores. E que ele sempre cuidava de todas com o mesmo carinho.
Hoje, as pessoas que passam por ali se encantam ao ver aquele jardim tão perfumado e colorido.

E Juvenal, o jardineiro, fica todo feliz e orgulhoso!

Sugestões de trabalho com a história:

Objetivos:

- Perceber o milagre da natureza
- Explorar os sentidos
- Aprender a cuidar
- Observar e reconhecer as diferenças entre as pessoas do grupo, aprendendo a SER e a COM VIVER.

Jardim:

- Passear por um jardim a fim de conhecer e observar as flores existentes no local explorando os sentidos: perfume, formato, tamanho, textura e cores diferentes.
- Observar as partes de uma flor.
- Conhecer, observar e manusear materiais utilizados por um jardineiro: esguicho, regador, pá ancinho, enxada. – Para que servem? Como utilizá-los corretamente?

Plantio:

- Observar diferentes tipos de terra (cor, textura, composição)
- Preparar os canteiros.
- Com a ajuda de um jardineiro semear ou plantar mudas de flores que aparecem na história. No início, separadas – um canteiro só de girassóis, outro de margaridas, outro de petúnias. Depois da primeira florada, replantar misturando as flores.
- Conversar sobre adubo (alimento para as plantas). Reservar um vasilhame apropriado para preparar a *compostagem* – restos de cascas de frutas, vegetais, casca de ovo, etc. – trazidos por todos, para adubar o jardim.
- Dividir o grupo em equipes. A cada dia da semana uma equipe ficará responsável para cuidar do jardim (regar, arrancar as ervas daninhas, observar a presença de pragas, etc).
- A cada dia a equipe responsável conta o que observou: presença de insetos, pássaros, folhinhas novas, brotinhos, flores, etc.
- Observar o desenvolvimento das plantas no canteiro adubado.

Reflexão:

- Conversa sobre a importância de estar bem nutrido: *Com o que e de que forma estamos nos nutrindo?*
- Troca de idéias e impressões sobre a história: – O que ela tem a ver comigo?
- Dramatização da história.
- Roda de conversa sobre a história e todo o trabalho realizado.

História IV: Nem uma coisa nem outra**Autora: Nye Ribeiro****Ilustradora: Ana Terra****Editora do Brasil**

Era uma vez uma bruxa.
Com cara de fada.
Roupa de bruxa.
Sapato de fada.
Nariz de bruxa.
Sorriso de fada.
Orelhas de bruxa.
Olhos de fada.
Chapéu de bruxa.
Cabelos de fada.

Todos olhavam para Bruxolinda (assim ela se chamava), de longe, sem saber se era bruxa ou fada.

Um dia,, Fortunato, um bem-te-vi muito curioso, se encheu de coragem. Chegou perto, bem pertinho e perguntou:

— Dona Bruxa, ou melhor, Dona Fada... me explique uma coisa: a senhora é bruxa ou fada?

— Sou fada quando estou feliz. E quero ver todo mundo feliz também. Sou bruxa quando tenho inveja, quando fico raiva. E quero que todo mundo fique infeliz como eu.

— Mas, Dona Fada, ou melhor, Dona Bruxa... Não tem um jeito, não dá para criar uma poção mágica que a transforme em uma fada completa?

— Hum... já tentei várias vezes. Resultado: de bruxa virei *meio fada*. Aí tentei virar bruxa de novo. Não funcionou.

— Dona Fada, quer dizer Dona Bruxa, a senhora está feliz assim: *meio bruxa, meio fada*?

— De jeito nenhum!

— Então, vou descobrir um jeito de ajudá-la!

Fortunato pensou, pensou e...

— Tenho uma idéia! A senhora vai usar seus poderes mágicos, com toda a força, para ajudar a salvar alguém que estiver precisando.

— Ajudar? Que idéia horrível. Você esqueceu? Eu sou uma bruxa!

— Meio bruxa, a senhora quer dizer. Mas não se preocupe. Vamos deixar para fazer isso quando a senhora estiver meio fada, está bem?

— Mas nem eu sei. Isso acontece assim, tão de repente. Como é que vou saber a hora certa?

— Estarei aqui para ajudá-la.

— E você não tem medo de mim? — disse Bruxolinda com uma cara meia alegre, meio brava.

— Não. Não tenho não.

E ela ficou ali olhando para o bem-te-vi... meio contente por ter um amigo, meio zangada por não conseguir assustá-lo, já que sempre assustava todo mundo.

De repente, surgiu Gertrudes, a cutia, andando pra lá e pra cá, ligeirinha, ligeirinha... Estava aflita e parecia muito assustada.

— O que aconteceu, Gertrudes? Por que tanta aflição? — perguntou Fortunato.

Bruxolinda, de longe, só ouvia a conversa.

— Estou muito nervosa... Meus filhotes sumiram!

— Calma. Senta aqui, e me conta tudo devagar.

Bruxolinda foi se aproximando.

— Não precisa ficar assustada não, Gertrudes. Ela está aqui para nos ajudar — disse o bem-te-vi aliviado, apontando para Bruxolinda e percebendo que ela estava *meio fada*.

— Foi assim: eles estavam dormindo dentro da toca e eu saí cedinho para buscar comida. Quando voltei, não estavam mais! Já procurei por todo o bosque, e nada!

Fortunato olhou para Bruxolinda e disse:

— Chegou a sua vez! Está na hora de usar os seus poderes mágicos!

— Como? — perguntou Bruxolinda?

— Fique bem quieta e concentre-se! — ordenou Fortunato. — Assim! Agora, use seus poderes para localizar os filhotes da Gertrudes.

— Estou vendo! — disse Bruxolinda. Eles estão lá...

— Lá, onde? — perguntou Fortunato.

— Na toca da Dona Onça.

— E ela? Está acordada agora?

— Não, está dormindo, quer dizer, roncando...

— Então vamos todos para lá, imediatamente — decidiu o bem-te-vi.

Quando se aproximavam da toca, a onça acordou com o barulho dos passos e deu um grande urro:

— URRRR!!!

— Socorro! Gritou Bruxolinda.

— Socorro nada — disse Fortunato. — Está na hora de usar novamente seus poderes mágicos.

— Como? — perguntou Bruxolinda, tremendo de medo.

— Concentre-se e prepare uma poção instantânea para fazer a onça dormir de novo. E quando ela dormir, pegamos os filhotes da Gertrudes.

Não demorou muito e a poção mágica ficou pronta. Voando, Fortunato entrou na toca e, sem ser visto, despejou todo o líquido sobre os restos de comida da onça.

Ela sentiu um cheiro bom e comeu tudo, tudinho. Num instante estava roncando de novo.

Assim, Gertrudes, Bruxolinda e Fortunato puderam tirar os filhotes de lá, sãos e salvos.

— *Nem sei como agradecer a vocês — disse a cutia. — Muito obrigada! Se precisarem de mim, é só avisar.*

— Parabéns, Bruxolinda — disse o bem-te-vi. — Você conseguiu! Viu como não foi tão difícil assim? Pronto, passou o feitiço. A partir de agora você não é mais uma bruxa.

“E o que serei, então?”, pensava Bruxolinda sentindo-se meio esquisita.

De volta para casa, resolveu parar à beira do lago. Olhou e viu seu reflexo na água. Que estranho! Não era bruxa, mas também não era fada.

— “Quem sou eu, então?”, pensou.

E ouviu uma vozinha dizendo:

— Você é a Linda!

— Linda?

— Isso mesmo. Quem você era antes do feitiço. Agora, é só você se lembrar de quem você é de verdade.

— E vou perder meus poderes mágicos? — perguntou Linda.

— Depende! Seus poderes de bruxa, para fazer o mal, sim. Mas você tem outros, muito mais poderosos. Descubra-os.

No dia seguinte Linda acordou e olhou-se no espelho. Já ia ter um ataque de bruxisse quando se lembrou do que o bem-te-vi lhe havia dito:

— Agora, é só você se lembrar de quem você é de verdade.

— Eu sou a Linda! — disse a menina, abrindo um lindo sorriso.

E sentiu uma felicidade tão grande, tão grande... que saiu pelo bosque, rodopiando, dançando e espalhando toda a sua alegria.

Com o tempo, Linda se tornou uma menina como as outras. E foi descobrindo seus novos poderes: o do amor, da coragem, da alegria, da verdade, da amizade... Concentrava-se e treinava todos os dias para poder usá-los, quando precisasse.

Hoje, todos os habitantes do bosque são amigos de Linda e ninguém mais tem medo dela. Apenas acham um pouco estranho quando, em noites de lua cheia, Linda pega uma capa e uma vassoura e sai voando por aí... Mas isso é só para se lembrar dos velhos tempos!

Sugestões de trabalho com a história para adultos:

- Leitura silenciosa

-Leitura compartilhada

- Destacar do texto as imagens simbólicas. Desenhar aquela que chamou mais atenção.

- Inventar uma história a partir desse símbolo

- Confeccionar fantasias (papel crepom), adornos e máscaras de bruxa e de fada. Ex: chapéu, vassoura, varinha mágica.

- Realizar um desfile de bruxas e fadas

-Trabalhar as 7 etapas

- Sentar em círculo e realizar uma troca de idéias sobre o trabalho com a história: sentimentos e sensações despertadas, relações com a vida pessoal, emoções, insights, etc.

História: “De Volta para Casa”
Autora: Nye Ribeiro
Ilustradora: Carol Juste
Roda & Cia Editora

DEPOIS DA TEMPESTADE, ZIP, O CARACOLZINHO, ANDAVA PARA LÁ E PARA CÁ PROCURANDO SUA CASA.

- VOCÊ VIU MINHA CASA, DONA ABELHA?
- É PARECIDA COM ESTA, ZIP?
- NÃO. ESSA É A COLMÉIA – CASA DAS ABELHAS.

MAIS ADIANTE ENCONTROU UM PÁSSARO CANTANDO

- VOCÊ VIU MINHA CASA, SENHOR CANÁRIO?
- É PARECIDA COM ESTA, ZIP?
- NÃO. ESSE É O NINHO – CASA DOS PASSARINHOS.

MAIS ADIANTE ENCONTROU UMA ARANHA TECENDO SUA TEIA.

- VOCÊ VIU MINHA CASA, DONA FILOMENA?
- É PARECIDA COM ESTA, ZIP?
- NÃO. ESSA É A TEIA – CASA DAS ARANHAS.

MAIS ADIANTE ENCONTROU UM COELHO COMENDO CENOURA.

- VOCÊ VIU MINHA CASA, SENHOR TONGO?
- É PARECIDA COM ESTA, ZIP?
- NÃO. ESSA É A TOCA – CASA DOS COELHOS.

MAIS ADIANTE ENCONTROU UMA BORBOLETA VOANDO.

- VOCÊ VIU MINHA CASA, DONA GISELE?
- É PARECIDA COM ESTA, ZIP?
- NÃO. ESSE É O CASULO – CASA DAS BORBOLETAS.

MAIS ADIANTE ENCONTROU UMA FORMIGA CARREGANDO UMA FOLHINHA.

- VOCÊ VIU MINHA CASA, DONA FORMIGA?

- É PARECIDA COM ESTA?
- NÃO. ESSE É O FORMIGUEIRO – CASA DAS FORMIGAS.

CANSADO DE TANTO ANDAR PARA LÁ E PARA CÁ,
O CARACOLZINHO PAROU PARA DESCANSAR.

- O QUE ACONTECEU? – PERGUNTOU O GRILO.
- PERDI MINHA CASA, TÉO.
- SUA CASA, ZIP? OLHA ELA AÍ, GRUDADA EM VOCÊ!

SURPRESO, ZIP **ZUPT!**

ENTROU NA SUA CONCHA, E FICOU BEM QUIETINHO.

ALI DENTRO ESTAVA TÃO GOSTOSO QUE ELE NÃO SENTIA MAIS FALTA
DE NADA.

- COMO É BOM VOLTAR PARA CASA! – DISSE O CARACOLZINHO, FELIZ
DA VIDA.

Sugestões de trabalho com a história

Objetivos:

- Desenvolver a idéia de confiança no mistério da natureza, conhecendo-a e respeitando-a
- Refletir e trabalhar com a idéia de que nunca estamos sozinhos e podemos sempre contar com a ajuda de alguém.
- Vivenciar situações de paz, tranqüilidade, confiança e auto-estima.
- Despertar a consciência da necessidade e do prazer de “voltar para casa”, sentindo o silêncio e a paz interior.

Leitura

- Leitura individual, silenciosa.
- Leitura compartilhada. A professora escolhe o aluno (um de cada vez) que deverá ler, em voz alta, mais uma parte da história.

Pesquisa

- Desenvolver uma pesquisa sobre bichos e suas casas, incluindo: tatu, João-de-barro, bicho-preguiça, baleia, etc.

Modelagem com argila

- Escolher um personagem da história e modelar com argila

Recorte e colagem:

- Com diferentes materiais, recortar e colar: a teia da aranha, o ninho, o formigueiro, etc.

Estudo do Meio

- Visitar um bosque ou uma praça nos arredores da escola e procurar as casas dos bichos.
- De volta à escola, confeccionar pequenas placas que deverão ser colocadas nos respectivos lugares observados. Ex: Formigueiro – casa das formigas.

Música (adaptação da música “Peixe Vivo”)

*Como pode um caracol
Perder sua casinha
Como pode um caracol
Perder sua casinha...*

*Você viu a minha casa?
Você viu a minha casa?*

*Será essa, será essa
Será essa a sua casa?
Será essa, será essa
Será essa a sua casa?*

*Essa não, é uma colméia
Essa não, é uma teia
Essa não, é um casulo,
Essa não, é um formigueiro...*

*Será essa, será essa
Será essa a sua casa?
Será essa, será essa
Será essa a sua casa...?*

*Zip o caracolzinho
Encontrou sua casinha
Zip o caracolzinho
Encontrou sua casinha*

*Vai dormir bem sossegado
(Abaixando a voz) Vai dormir bem sossegado
Vai dormir bem sossegado...
PSIU...!*

Relaxamento e Dramatização. (sala ampla com pouca luz, escolher uma música bem apropriada, alunos deitados no chão, preparar para o relaxamento)
Obs. O texto abaixo deve servir de base para exercício, ficando a critério do educador modificá-lo de acordo com o grau de interesse e concentração dos alunos.

“Depois de muito andar, ZIP, o caracolzinho encontrou seu amigo grilo que o ajudou a encontrar a sua casa. Ela estava ali mesmo, grudada nas suas costas.

Cansado, ZIP foi entrando dentro da sua casa, bem devagarinho.

Ali dentro estava tão gostoso, tão aconchegante. Que delícia!

– Como é bom voltar para a minha casa – falou o caracolzinho. Aqui dentro, tem tudo o que eu preciso: um cobertorzinho para quando eu estiver com frio, comida para quando eu estiver com fome, tem colo, carinho... Agora vou dormir bem tranqüilo.

O caracolzinho entrou e deitou na sua caminha. Bocejou. Que sono!!!

Lá dentro havia um silêncio gostoso. Dava para ouvir apenas o canto dos passarinhos, das cigarras e dos grilos.

Vamos também ficar bem quietinhos para ouvir o silêncio. Bem quietinhos...”

(adaptação da música “Nana Neném”)

*Dorme, dorme, caracol
Dorme, dorme tranqüilo
um soninho
bem gostoso
dentro da sua casinha*

E depois, ao acordar

*Vai de novo passear
E depois, ao acordar
Vai de novo passear*

(Dali a pouco a professora volta a falar, bem devagar, começando baixinho e aumentando a voz)

“Caracolzinho, está na hora de acordar. Isso. Estica as perninhas, os braços, o corpinho todo. Isso mesmo. Boceja, espreguiça... Agora, pode abrir os olhos. Agora, você vai se sentar bem devagarinho... Ficar de pé e voltar para o seu lugar.”

– Após o exercício, a professora pede que as crianças se sentem novamente no chão, formando um círculo e conversa sobre a história. Aproveita também esse momento para falar sobre o que aconteceu e estimular a troca de experiências.

– Mais tarde, distribui papel a vontade e convida as crianças a fazerem um desenho bem bonito sobre a história.

*O papel da Literatura Infantil é, antes de tudo,
encantar e alargar os horizontes da criança,
para que ela se torne:*

Leitora da escrita

Leitora do mundo

Leitora da vida...

Nye Ribeiro

V. CONCLUSÃO

Plantar no coração das crianças um jardim com flores de todas as cores, ensinando-as a amarem a vida em todas as suas formas e manifestações – é uma idéia que aparece na maior parte das minhas histórias. A Natureza, com suas leis, seus encantos, milagres e mistérios é a minha grande fonte de inspiração.

As idéias vão brotando espontaneamente, algumas desde a minha infância. Passei a registrá-las num Baú de Idéias para depois, prazerosamente, trabalhar com elas, entre uma e outra atividade profissional (professora, jornalista, escritora, editora).

A partir dos meus estudos, terapia e, principalmente, da minha formação Transpessoal, fui descobrindo e reunindo alguns aspectos interessantes do meu trabalho como autora, que podem inclusive servir de material de pesquisa para outros que queiram se aprofundar na questão:

– Ao focar o meu objetivo – escrever histórias – acontecem inúmeras “coincidências” que me trazem idéias (insights) para novos trabalhos: diálogos, ou simplesmente escuta, lugares, paisagens, momentos especiais, emoções, contato com pessoas, imagens... Algumas histórias (ou partes da história) surgem também por meio de sonhos. E é como se cada uma dessas situações se apresentasse de forma original, “fresca” e, ao mesmo tempo,, carregada de significados.

– A experiência de colocar as idéias no papel causa um prazer genuíno, fazendo com que eu reconheça em mim mesma, naquele momento: a espontaneidade, a criatividade, a leveza, a inteireza, a alegria...

– Durante algumas horas, sinto-me em êxtase, inteiramente envolvida no trabalho. E muitas vezes, ao concluí-lo, me pergunto: - *Será que fui eu mesma quem escreveu?*

– Descubro que algumas histórias têm relações profundas com minhas experiências de vida: anteriores ou posteriores àquele momento. Como se, sem me dar conta, eu estivesse elaborando situações prazerosas ou dolorosas, com as quais me encontraria um dia.

– Com a experiência aprendi a escutar e reunir as idéias, sem esperar que venham “prontas”. Algumas necessitam de um longo tempo de “gestação”. De situações e vivências antes do “grande final”: *Eureka!*

– Ao participar de Feiras de Leitura, visitar uma biblioteca ou livraria e me deparar com um livro novo (infanto-juvenil ou poesia), muitas vezes tenho a sensação: *“ele escreveu exatamente as minhas idéias...”*. ou: *“Não é possível! Fui eu quem escreveu isso...”* E percebo entre os escritores do meu tempo: idéias (insights), símbolos, temas e tendências comuns de uma determinada época. Como se fizéssemos parte da mesma consciência, da mesma memória, com significados e experiências comuns na vida de cada um.

Hoje, com um olhar Transpessoal diante da minha experiência como educadora e como autora (com mais de cinquenta títulos publicados), venho refletindo sobre o meu trabalho e sobre a importância da Literatura na vida das crianças, jovens e adultos.

Pais, educadores e instituições educacionais devem estar atentos ao desenvolvimento global da criança e dos jovens, proporcionando atividades que os ajudem a desabrochar por inteiro, favorecendo a formação de seres

humanos capazes de viver em profundidade e integridade para construir uma sociedade mais harmoniosa e saudável, como preconizava Maslow.

Todos desejamos uma sociedade solidária, onde haja respeito e tolerância. Nos dias de hoje, sobreviveremos se formos capazes de incluir o diferente, de buscar a paz como manifestação autêntica do ser humano, privilegiando atitudes, gestos, palavras e pensamentos que conduzam à não violência. Pois, educar não é somente transmitir conhecimentos, mas contribuir para uma transformação social a partir do desenvolvimento individual e coletivo

Quando descobrimos nosso verdadeiro valor podemos reconhecer também o valor do outro. Esse reconhecimento nos leva a uma harmonização, gerando um clima de amor, tolerância, respeito e paz entre os homens.

De forma lúdica e interativa podemos criar um ambiente favorável ao desenvolvimento de cada um, e de todos ao mesmo tempo, independente de credo, raça, cor, condição social ou deficiência física. Elaborar um novo paradigma, no qual cooperar seja mais importante que competir.

Além de povoar a infância com a fantasia e o imaginário, a Literatura pode favorecer uma educação comprometida com os valores humanos, ajudando as pessoas a perceberem a UNIDADE. Ensinando-as a VIR A SER: SER-VIR ou, simplesmente: “SER” a serviço da vida.

Resgatando esses valores, criamos uma ponte para a paz, tornando realidade o pensamento do educador Sai Baba:

“A verdadeira educação consiste no cultivo do coração”.

VI ANEXOS

6.1 Credo do contador de histórias

Creio que a imaginação pode mais que o conhecimento

Que o mito pode mais que a história

Que os sonhos podem mais que os fatos

Que a esperança sempre vence a experiência

Que só um riso cura a tristeza

E creio que o amor pode mais que a morte.

Fulghum, Robert – *Tudo o que eu deveria saber na vida aprendi no Jardim da Infância* – Editora Best Seller.

6.2 Sugestões aos contadores de história

Nye Ribeiro

1) Escolha uma história que toque primeiro o seu coração. O texto, a linguagem simbólica, acompanhada de belas imagens, deve despertar em você: sentimentos, lembranças, emoções, instâncias adormecidas.

2) Ao fazer a leitura prévia e se preparar para o momento do encontro com as crianças, mergulhe realmente no texto, explorando o lúdico, o poético, o imaginário e deixando-se envolver pela história.

3) Crie uma linguagem própria, enfatizando algumas partes, enxugando outras, criando suspense e, principalmente, deixando um espaço para a participação do ouvinte.

4) Assuma o papel de co-autor da história escolhida. O escritor não está mais ali. Agora é a sua vez de dar vida ao texto e aos personagens.

5) Treine imitar as vozes dos personagens que aparecem na história, mudando o seu timbre de voz, ora rouca, ora fininha... ora falando bem alto, ora sussurrando...

6) Crie seu próprio estilo. Para isso, procure conhecer o maior número possível de recursos de contação de histórias, como telão, flanelógrafo, bonecos grandes, miniaturas, fantoches de palco e de dedo, caixa de surpresa, fantasias, objetos de animação, música de fundo ou instrumentos musicais, para depois escolher aquele que tem mais a ver com você, com o estilo que você quer criar.

7) Monte um pequeno cenário para cada história, utilizando: recorte, colagem, pintura, sucata, desenho colorido na lousa, móveis (ex: a casa da vovó), objetos, etc. Assim, você estará contribuindo para criar um ambiente propício ao desenrolar da trama.

8) Crie uma atmosfera de silêncio e suspense, um clima de *novidades no ar...* Dance, cante, gesticule, interprete... Descubra o artista que há dentro de você.

9) Crie um ritual para a *Hora do Conto* todos os dias. Marque o momento do início e do término da história, indicando a saída do mundo real e a entrada no imaginário (mundo ficcional) para, no final, voltar à realidade. Você pode usar uma *senha mágica*, um instrumento musical, como triângulo, pandeiro, violão... ou até inventar uma música:

“E agora minha gente

Uma história eu vou contar

Uma história diferente

Pra todo mundo encantar...”

10) E no final:

“Entre por uma porta e sai por outra

quem quiser que conte outra...”

11) Conte a história que você escolheu, saboreando cada pedacinho, num ritmo agradável, sem pressa. Faça pausas. Deixe sempre um espaço vazio nas entrelinhas. Um espaço que vai além do texto explícito, onde só se

pode chegar pelas vias do imaginário. Assim, você estará contribuindo para o desenvolvimento da sensibilidade e da fantasia.

12) Prepare-se para contar essa história muitas vezes. E não se incomode se ela ficar diferente a cada nova apresentação. Pois, a partir dessa experiência você vai descobrir o prazer infinito de inventar, recriar, e vai se surpreender, aprimorando-se cada vez mais como contador de história.

V.3 CARTA DE TRANSDISCIPLINARIDADE

Adotada no Primeiro Congresso Mundial da Transdisciplinaridade –
Convento de Arrábida, Portugal, 2 a 6 novembro 1994.

Preâmbulo

Considerando que a proliferação atual das disciplinas acadêmicas conduz a um crescimento exponencial do saber que torna impossível qualquer olhar global do ser humano;

Considerando que somente uma inteligência que se dá conta da dimensão planetária dos conflitos atuais poderá fazer frente à complexidade de nosso mundo e ao desafio contemporâneo de autodestruição material e espiritual de nossa espécie;

Considerando que a vida está fortemente ameaçada por uma tecnociência triunfante que obedece apenas à lógica assustadora da eficácia pela eficácia;

Considerando que a ruptura contemporânea entre um saber cada vez mais acumulativo e um ser interior cada vez mais empobrecido leva à ascensão de um novo obscurantismo, cujas conseqüências sobre o plano individual e social são incalculáveis;

Considerando que o crescimento do saber, sem precedentes na história, aumenta a desigualdade entre seus detentores e os que são desprovidos dele,

engendrando assim desigualdades crescentes no seio dos povos e entre as nações do planeta;

Considerando simultaneamente que todos os desafios enunciados possuem sua contrapartida de esperança e que o crescimento extraordinário do saber pode conduzir a uma mutação comparável à evolução dos humanóides à espécie humana;

Considerando o que precede, os participantes do Primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinaridade (Convento de Arrábida, Portugal 2 - 7 de novembro de 1994) adotaram o presente Protocolo entendido como um conjunto de princípios fundamentais da comunidade de espíritos transdisciplinares, constituindo um contrato moral que todo signatário deste Protocolo faz consigo mesmo, sem qualquer pressão jurídica e institucional.

Artigo 1:

Qualquer tentativa de reduzir o ser humano a uma mera definição e de dissolvê-lo nas estruturas formais, sejam elas quais forem, é incompatível com a visão transdisciplinar.

Artigo 2:

O reconhecimento da existência de diferentes níveis de realidade, regidos por lógicas diferentes é inerente à atitude transdisciplinar. Qualquer tentativa de reduzir a realidade a um único nível regido por uma única lógica não se situa no campo da transdisciplinaridade.

Artigo 3:

A transdisciplinaridade é complementar à aproximação disciplinar: faz emergir da confrontação das disciplinas dados novos que as articulam entre si; oferece-nos uma nova visão da natureza e da realidade. A transdisciplinaridade não procura o domínio sobre as várias outras disciplinas, mas a abertura de todas elas àquilo que as atravessa e as ultrapassa.

Artigo 4:

O ponto de sustentação da transdisciplinaridade reside na unificação semântica e operativa das acepções através e além das disciplinas. Ela pressupõe uma racionalidade aberta por um novo olhar, sobre a relatividade definição e das noções de “definição” e “objetividade”. O formalismo excessivo, a rigidez das definições e o absolutismo da objetividade comportando a exclusão do sujeito levam ao empobrecimento”.

Artigo 5:

A visão transdisciplinar está resolutamente aberta na medida em que ela ultrapassa o domínio das ciências exatas por seu diálogo e sua reconciliação não somente com as ciências humanas mas também com a arte, a literatura, a poesia e a experiência espiritual.

Artigo 6:

Com a relação à interdisciplinaridade e à multidisciplinaridade, a transdisciplinaridade é multidimensional. Levando em conta as concepções do tempo e da história, a transdisciplinaridade não exclui a existência de um horizonte trans-histórico.

Artigo 7:

A transdisciplinaridade não constitui uma nova religião, uma nova filosofia, uma nova metafísica ou uma ciência das ciências.

Artigo 8:

A dignidade do ser humano é também de ordem cósmica e planetária. O surgimento do ser humano sobre a Terra é uma das etapas da história do Universo. O reconhecimento da Terra como pátria é um dos imperativos da transdisciplinaridade. Todo ser humano tem direito a uma nacionalidade, mas, a título de habitante da Terra, é ao mesmo tempo um ser transnacional. O reconhecimento pelo direito internacional de um pertencer duplo - a uma nação e à Terra - constitui uma das metas da pesquisa transdisciplinar.

Artigo 9:

A transdisciplinaridade conduz a uma atitude aberta com respeito aos mitos, às religiões e àqueles que os respeitam em um espírito transdisciplinar.

Artigo 10:

Não existe um lugar cultural privilegiado de onde se possam julgar as outras culturas. O movimento transdisciplinar é em si transcultural.

Artigo 11:

Uma educação autêntica não pode privilegiar a abstração no conhecimento. Deve ensinar a contextualizar, concretizar e globalizar. A educação

transdisciplinar reavalia o papel da intuição, da imaginação, da sensibilidade e do corpo na transmissão dos conhecimentos.

Artigo 12:

A elaboração de uma economia transdisciplinar é fundada sobre o postulado de que a economia deve estar a serviço do ser humano e não o inverso.

Artigo 13:

A ética transdisciplinar recusa toda atitude que recusa o diálogo e a discussão, seja qual for sua origem - de ordem ideológica, científica, religiosa, econômica, política ou filosófica. O saber compartilhado deverá conduzir a uma compreensão compartilhada baseada no respeito absoluto das diferenças entre os seres, unidos pela vida comum sobre uma única e mesma Terra.

Artigo 14:

Rigor, abertura e tolerância são características fundamentais da atitude e da visão transdisciplinar. O rigor na argumentação, que leva em conta todos os dados, é a barreira às possíveis distorções. A abertura comporta a aceitação do desconhecido, do inesperado e do imprevisível. A tolerância é o reconhecimento do direito às idéias e verdades contrárias às nossas.

Artigo final:

A presente Carta Transdisciplinar foi adotada pelos participantes do Primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinaridade, que visam apenas à autoridade de seu trabalho e de sua atividade.

Segundo os processos a serem definidos de acordo com os espíritos transdisciplinares de todos os países, o Protocolo permanecerá aberto à assinatura de todo ser humano interessado em medidas progressistas de ordem nacional, internacional para aplicação de seus artigos na vida.

Convento de Arrábida, 6 de novembro de 1994 – Comitê de Redação: Lima de Freitas, Edgar Morin e Basarab Nicolescu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Assagioli Roberto – *Ser Transpessoal – Psiconsíntesis para el nacimiento de nuestro ser Real* – Madri: Gaia Ediciones, 1993.

Saldanha Vera – *Psicologia Transpessoal*. Porto Alegre: Editora Unijuí, 2008

Fadiman James e Frager Robert – *Teorias da Personalidade*. São Paulo: Harbra, 1986.

Goswami. Amit – *O universo autoconsciente* – Editora Aleph, 2007

Jung C.G – *Memórias, sonhos e reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

Jung C. G. – *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s.d.

Barros, Maria Cristina Monteiro (org.) – *A consciência em expansão*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008

Maslow Abraham – *La amplitud potencial de la naturaleza humana*. México:Trillas, 1990.

Maslow Abraham – *Visiones Del Futuro*. Barcelona: Kairos, 2001.

Furlan, V I. *Uma nova suavidade e profundidade... o despertar transpessoal e a (re) educação*. Campinas, 1998. (Tese – Doutorado - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação).

Silva, Vera Lúcia de Souza – *Educar para a conexão: uma visão transdisciplinar de educação para a saúde integral*. Blumenau: Nova Letra, 2004.

Macieira, Rita de Cássia (org.) – *Despertando a Cura: do brincar ao sonhar*. Campinas (SP): Livro Pleno, 2004.

Tillman, Diane e HSU, Diana – *Programa Vivendo Valores na Educação*. Organização Brahma Kumaris, 2002.

De Lucca, Lousanne Arnoldi – *Alfabetização Afetiva*. São Paulo: Vida e Consciência Editora, 1998

L.S.Vigoskii – *La imaginacion y el arte em la infância*. México: Fontamara, 1997.

Puebla, Eugenia – *Educar com o coração*. Peirópolis, SP, 1997 (3^a. edição)

Assunção Jorge – *Criatividade e orientação educacional*. São Paulo: Cortez, 1998.

Held, Jacqueline. *O imaginário no poder*. São Paulo, Summus, 1980.

Dias, Marina Célia Moraes; Nicolau, Marieta Lúcia Machado (orgs.) – *Oficinas de sonho e realidade na formação do educador da infância*. Campinas: Papyrus, 2003.

Burden, Virginia. *O processo da intuição, uma psicologia da criatividade*. São Paulo: Pensamento, 1993.

Muglia Wechster Solange – *Criatividade, descobrindo e encorajando* – Editora Psy, 1998

Cória Sabini, Maria Aparecida – *Construindo valores humanos na escola*. Campinas, SP: Papyrus, 2002.

Naranjo, Cláudio – *A criança divina e o herói: o significado interno da literatura infantil*. São Paulo: Esfera, 2001.

Calvi, G. Martinez – *Escola, sala de leitura e biblioteca criativas*. Campinas: Papyrus, 2002

Cascudo, L.C. – *Contos Tradicionais do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1986.

Bethelheim Bruno – *A Psicanálise dos contos de Fada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978

Corso, Diana Lichtenstein – *Fadas no Divã*. Porto Alegre: Artmed, 2006

Campbel, Joseph – *O Poder do Mito*. Palas Athena: São Paulo, 1990.

Frans, M. L. Von – *O significado psicológico dos Motivos de Redenção nos Contos de Fada*: Rio de Janeiro: Cultrix, 1985.

Frans, M. L. Von – *A interpretação dos Contos de Fada*: Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

Estés, Clarissa Pinkola – *Mulheres que correm com lobos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

Estés, Clarissa Pinkola – *O dom da história: uma fábula sobre o que é suficiente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Estés, Clarissa Pinkola – *O jardineiro que tinha fé: uma fábula sobre o que não pode morrer nunca*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

Freyre Kika. – *A fantástica história dos contadores de histórias no reino do tudo é possível: histórias para acordar os homens*. Recife: EDUPE, Editora Universidade de Pernambuco, 2001

Abramovic, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo, Scipione, 1989.

Sosa, Jesualdo. *A literatura infantil*. São Paulo: Cultrix, 1993.

Tavares, Neila – *Histórias maravilhosas para ler e pensar*. Rio de Janeiro: Nova Era, 2002.

Chinen Allan B. *Além do herói: histórias clássicas de homens em busca da alma*. São Paulo: Summus, 1998.

Coelho, Nelly Novaes. *Contos de fadas: símbolos, mitos e arquétipos*. São Paulo: DCL, 2003.

Coelho, Nelly Novaes – *Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

Prieto, Heloisa – *Quer ouvir uma história? Lendas e mitos no mundo da criança*. São Paulo: Angra, 1999. Col. Jovem século 21.

Vieira, Kathia – *Era uma vez... e conte outra vez*. Campinas, SP Komedi.

Coelho, Betty – *Contar histórias, uma arte sem idade*. São Paulo, Ática, 1991.

Mannoni, O. *Chaves para o Imaginário*. Vozes: São Paulo, 1973..

Boff, Leonardo – *Saber Cuidar: Ética do Humano*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999

Boff, Leonardo – *A Águia e a Galinha*, Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

Freire, Paulo – *O Profeta da Esperança*. Entrevista extraída da revista Dois Pontos: Teoria e Prática em /educação. Pitágoras: Belo Horizonte, março/abril 1996, por Nye Ribeiro.

Assmann, H. *Reencantar a Educação; rumo à sociedade aprendente*. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

Brandão, Z. (Org.). *A crise dos paradigmas e a educação*. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2000 .

CardosoA, M. L. P. *Educação para a nova era; uma visão contemporânea para pais e professores*. São Paulo: Summus, 1999.

Delors, J. *Educação um tesouro a descobrir*. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.

Furlan, V I. *Uma nova suavidade e profundidade... o despertar transpessoal e a (re) educação*. Campinas, 1998. (Tese – Doutorado - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação).

Giglio Z. G. (Org.). *De criatividade e de educação*. Campinas: UNICAMP, NEP, 1992.

Giglio Z. G (Org.) *Da criatividade à inovação*. Campinas: Papyrus, 2009.

Maturana, H.; Zoller. *Emoções e Linguagem na Educação e na Política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

Maturana, H.; Zoller. *Formação Humana e Capacitação*. Petrópolis: Vozes, 2000.

Maturana, H.; Zoller. *Amar e Brincar; fundamentos esquecidos do humano*. São Paulo: Palas Athena, 2004.

Moraes, M. C. *O paradigma educacional emergente*. 6ª ed. Campinas: Papyrus, 2000.

Morin, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 4ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2001.

Santo, R. C. E. *O renascimento do sagrado na educação*. Campinas: Papyrus, 1998.